

Miguel Almir Lima de Araújo

DOS SENTIDOS DO AMOR



EDUFBA

Dos sentidos do amor

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

João Carlos Salles Pires da Silva

VICE-REITOR

Paulo César Miguez de Oliveira

ASSESSOR DO REITOR

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Miguel Almir Lima de Araújo

Dos sentidos do amor

Salvador • EDUFBA • 2016

2016, Miguel Almir Lima de Araújo.

Direitos dessa edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto Gráfico

Lúcia Valeska Sokolowicz

Imagem da Capa

Linda Côrtes

Revisão e Normalização

Carla Honorato

Alan K. M. de Araújo

SISTEMA DE BIBLIOTECAS – UFBA

Araújo, Miguel Almir Lima de.

Dos sentidos do amor / Miguel Almir Lima de Araújo. - Salvador: EDUFBA, 2016.
140 p.

ISBN 978-85-232-1505-7

1. Amor. 2. Amor - Filosofia. 3. Amor na literatura. I. Título.

CDD - 128.46

Editora afiliada à



EDITORIA DA UFBA

Rua Barão de Jeremoabo

s/n – Campus de Ondina

40170-115 – Salvador – Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164

Fax: +55 71 3283-6160

www.edufba.ufba.br

edufba@ufba.br

A todos os seres vivos
que, de modo complementar e interdependente,
compartilham as intensidades dos entrelaçamentos
da teia *eco-humana* na busca da *ecoamorosidade*.

Acontecia o não fato,
o não tempo,
silêncio em sua imaginação.

Só o um-e-outra
um em-si juntos,
o viver em ponto sem parar,
coraçõamente:
pensamento, pensamor.

Alvor. Avançavam, parados,
dentro da luz, como se fosse
no dia de Todos os Pássaros.

Guimarães Rosa
(Primeiras estórias)

Sumário

Prefácio	11
Introdução	19
O Amor em algumas tradições culturais	25
O eclipse do Amor em nosso cotidiano	47
O Amor como constitutivo ontológico do humano	71
<i>Ecoamor</i> : o cuidado com a coexistência entre os seres	115
O Amor em <i>traversias</i> (tradução do texto em versos de cordel)	129
Referências	135

Prefácio

Quando Almir escreve o Amor

Em várias línguas de antes de agora, a palavra “amor” não existiu, ou não existe. Claro, sempre haverá alguma outra que a substitua. Afinal, os de língua Espanhola não possuem a palavra “saudade”, mas a sentem como nós e a substituem por outras, creem eles, sem dificuldades.

Entre os povos que possuem uma palavra que traduzida para o Português equivale a “amor”, ela e suas variantes deverão ser, como entre nós, desde tempos imemoriais ditas e repetidas, seja numa prece, seja num poema, seja no sussurro com que um jovem, em um momento afinal de coragem, murmura diante da moça: “eu te amo”.

Começamos pela poesia, e pela nossa, de preferência. Entre poetas parnasianos, simbolistas e românticos ela sempre foi abundante, com raras exceções. Mas um estranho destino aguardava esta palavra querida do Modernismo em diante.

Mário de Andrade a usou aqui e ali, sem muito empenho. Carlos Drummond de Andrade lembrou-se dela em alguns poemas inesquecíveis, não raro junto com uma suave ironia mineira. João Cabral de Melo Neto a evitava. Manoel de Barros também, mas bem menos.

Adélia Prado escreveu que ela discordava da mãe para depois trazer dela o mais belo exemplo do que deva ser... o amor. Mas termina por dizer dele o que talvez não se espere. O poema se chama “Ensino” (PRADO, 1991) e é assim:

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite o pai fazendo serão
ela falou comigo:
“coitado até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou o tacho no fogo
com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Ou como em Fernando Pessoa (2007, p. 497), para quem...
as cartas de amor são ridículas/não fossem ridículas não seriam cartas de amor.

Roland Barthes (1981) começa o *Fragments de um discurso amoroso* lamentando que hoje em dia parece que de fato ninguém sustenta o sentido do amor. Fala-se dele a esmo, mas o que será vivê-lo? De outro lado – para sairmos da arte e

de um de seus estudiosos mais criativos e irreverentes – tanto Pierre Teilhard de Chardin, um sacerdote e paleontólogo, quanto, anos mais tarde, Humberto Maturana, um biólogo, atribuem ao amor, ao seu sentir e viver, a própria realidade de quem somos, nós, os humanos. Em vários de seus livros Maturana lembra que escreve como um cientista de laboratório e não como um filósofo ou um poeta. E lembra, também, que somos seres não do domínio da razão, mas da emoção. E insiste em que em nós a emoção substantiva e dominante é o amor.

Nos Dez Mandamentos somente duas categorias de seres poderiam ser amados: Deus (cujo nome entre os hebreus sequer deveria ser pronunciado) e o próximo. Ou seja, você! Bem sabemos que hoje a palavra amor e a expressão “eu amo...” com entonações muito próximas pode ser aplicada a uma mãe, a um filho, a uma mulher (amada), a um cachorro, a um carro, a um aparato eletrônico e até mesmo a um hambúrguer do McDonald’s. Sabemos também que entre a autoajuda, a sexualidade e a culinária, abundam ao extremo livros que, com uma diversa dignidade tanto gregos e romanos quanto diferentes povos da Índia chamariam de “a arte de amar”. No entanto, mesmo que tenham sido ao seu tempo o tema de um dos diálogos mais belos de Platão, bem mais raros são os livros que, tanto no passado quanto agora, tratam de procurar compreender e dizer, afinal, o que vem o ser o amor.

Não há de ser porque o seu segundo nome é separado da palavra “amor” por uma consoante e por uma vogal que

Almir se aventura a pensar o Amor. Ele parte da evidência – algo que cada pessoa sente quando pensa e pensa quando sente – de que ademais de ser algo que se sente, o amor é algo que se vive. Talvez até mesmo algo que se seja, quando se diz de uma pessoa: “ela é um amor de criança”, ou de um deus: “Deus é Amor!”. E mais, algo que incita pensar. E não apenas como os poetas. Pois, poucas palavras (tudo aquilo que elas envolvem) desafiam tanto o imaginário de amantes e místicos, de poetas e psicanalistas, de filósofos e historiadores, quanto o amor.

O amor tem sentido. Habitante não apenas de infinitas pessoas, mas de diversas e diferentes culturas, o amor tanto *faz* sentido, quanto *tem* sentido. Na verdade, mesmo no interior de uma mesma comunidade humana e de sua(s) cultura(s), o amor é plural. Ele é vivido e é pensado através de diversos sentimentos e de diferentes sentidos.

Daí, *Dos sentidos do amor*. O que se sente, o que se vive, o que se pensa. Tal como na bela e pungente segunda epígrafe do livro, vinda do *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa (2001, p. 212).

Só o um-e-outra
um em-si juntos,
o viver em ponto sem parar,
coraçõemente;
pensamento, pensamor.

Logo na abertura do livro Miguel Almir quase desanima quem afinal escreveu e quem vai ler. Afinal, se hoje em dia parece difícil viver plenamente isto a que damos o pequenino e sinuoso nome de “amor”, será possível pensá-lo? Fácil é tecer comentários e receitas sobre como vivê-lo, na parada de um ônibus diante de um desconhecido, na cama, na escola ou frente à imagem ou à memória de um deus. Mas, vale a pena ir além de algo como a biologia, a fisiologia, a psicologia ou a história social do amor? Compensa mergulhar mais fundo e pensar não sobre o amor, mas o próprio amor?

Certamente sim. E é a isto que se propõe Almir, neste que não é o seu primeiro escrito sobre o amor. Então, vindo da antiguidade clássica, com uma parada demorada entre os gregos e os seus quatro nomes para o amor, Miguel Almir, chega à nossa presente e contraditória atualidade. E chega antecipando como crítica e desalento o que será depois esperança nos capítulos seguintes. O que aconteceu afinal com a experiência, com a vivência, com a partilha do amor em nossos dias? O que fez dele o racionalismo utilitário, tecnicista, consumista e colonizador do modo de produção, poder e vida cotidiana em e com que vivemos agora? A palavra “eclipse”, no título do segundo capítulo, pode ser lida então em dois sentidos. No primeiro, mais pessimista, significa que simplesmente vivemos um tempo em que o que era luz no amor apagou-se, eclipsou-se. No segundo, talvez o mais certo, pois ele abre portas ao que virá do terceiro capítulo em diante, tal como nos eclipses do sol e da

lua, a escuridão veio, mas algo de luz por detrás dela se move e o escuro é passageiro.

Leitor também de Humberto Maturana, entre tantas e tantos outros pensadores diretos ou indiretos do mistério do amor, Almir salta da evidência de uma perda universal à convicção de que mesmo quando eclipsado em uma era pequena da história humana, o amor não só persiste, mas deverá retornar em sua plenitude. Isto porque, mesmo quando um sistema de economia e poder desfigura o amor para torná-lo uma também mercadoria, ele, o amor, voltará. Ou, melhor ainda: reemergirá. Isto porque ele não está situado “lá fora”, mas existe dentro de nós, em nós, através de nós e, mais ainda, entre nós. O amor não é tanto um sentimento que podemos viver ou perder (embora isto aconteça). O amor somos nós, quando somos plenamente nós-mesmos.

Amar é a eterna inocência. Esta pequena frase de Fernando Pessoa (1980, p. 35), o mesmo das cartas de amor, é uma das epígrafes do primeiro capítulo. E através dela podemos chegar com Almir ao momento em que ele estende a palavra e os gestos do amor do entrenós vivido entre seres humanos, a tudo o que existe ao nosso redor e também “entrenós” de vivo. Assim, podemos entre os afetos, as religiões e as espiritualidades – incluídas as que se voltam ao culto da Vida e do Universo Vivo – sentir, viver e pensar o amor como a caridade dos gregos e, depois, dos cristãos (lembrar o “hino à caridade” da epístola de Paulo), ou como a

compaixão, vinda dos budistas e hoje tão estendida entre nós. E, então, um *egoamor* pode estender-se e liberar-se em um *inter-amor* e realizar-se em plenitude em um *ecoamor*. O amor não de tudo, mas do todo que existente dentro de você estende você ao todo de tudo. Ou ao tudo do Todo, onde tudo e todos nós, envolvidos em uma *fraternidade cósmica*, finalmente encontramos em plenitude um ser chamado nós-mesmos. Ou seja, o *Amor*.

Rosa dos Ventos – Sul de Minas
Verão de 2016 (com grandes e abençoadas chuvas)

Carlos Rodrigues Brandão

Introdução

Inicialmente, a perspectiva de urdir pensações/meditações acerca da temática do Amor, com os limites dos feixes das palavras, parece uma tentativa impertinente e improfícua. Abordar uma temática tão paradoxal quanto imponderável, tão incomensurável quanto oblíqua, através dos artefatos das palavras escritas, parece ser um desafio hercúleo. Porém, talvez possamos desafiar os signos, os símbolos destas palavras escritas tentando flechar o âmago de sua polissemia; talvez possamos brincar com as bordas de seus limites tentando perfurá-los e alargá-los soprando entre os possíveis deslimites de suas brechas, de suas porosidades.

Destarte, entre as dobras do dizível e do indizível, busco singrar as sendas das palavras e penetrar em muitas destas alusivas ao tema Amor, sobretudo, no que se refere às palavras-símbolos. Vislumbro garimpar os seus rasgos semânticos, e, assim, suscitar aproximações, tensionamentos e atravessamentos que potencializem compreensões alargadas acerca da complexidade do Amor. A expansividade da polissemia e da transversalidade peculiar dos símbolos, das palavras-símbolos, pode descortinar vertentes fulcrais de

compreensão, bem como, um garimpar mais aproximado e penetrante nas searas labirínticas do indizível Amor.

Nesse rumo, tentarei mergulhar um pouco na imensidão da fonte inesgotável e na incomensurabilidade desse oceano que tanto nutre e robustece, move e viceja o humano: os desvãos do Amor.

Em diversos momentos do texto, como o faço noutros escritos, apresento os vocábulos *in-tensivo*, *in-tensidade*, considerando que o existir humano, mediante as configurações de seus fenômenos, como o Amor, são constituídos, visceralmente, de processos internos que são movidos por tensões e conflitos que nos impulsionam e desafiam. Também utilizo o termo Sentido, com a inicial maiúscula, para realçar este como tradução de rumo, norte, horizonte existencial; como expressão de valores primordiais que nos estruturam, envolvem e comovem por inteiro.

O vocabulário que é apresentado no texto se caracteriza por uma tônica mais pregnante diante da presença, em grande medida, nas instâncias acadêmico-institucionais, de linguagens traçadas com palavras mais frias, demasiadamente lógicas e lineares. Estas linguagens são marcadas por um ascetismo que tende a desvitalizar e desbotar as intensidades dos fenômenos vivos, do dinamismo do viver cotidiano. Lanço mão desse linguajar na tentativa de envidar uma maior e melhor proximidade diante da complexidade, dos paradoxos e das polifonias da temática do Amor, procurando também

não perder o senso espiritual e imprescindível de uma razão compreensiva/meditativa, de uma *Razão Sentido*. Nesse rumo, projeto, em diversos momentos, repertórios da linguagem simbólica considerando a riqueza, a vastidão e o vigor desta, nessa tentativa de melhor tradução da temática.

As citações que trago no texto de Ortiz-Osés, Gurméndez e Ortega y Gasset foram traduzidas livremente do espanhol por mim mesmo.

Nos lastros das articulações teóricas, explico as ideias desde minhas inquietudes e pensamentos, dialogando com diversos autores/as, sem me filiar, direta ou estruturalmente, a nenhum aporte teórico ou sistema de pensamento instituído especificamente. Assim, das ideias de cada autor/a mencionado/a, considero aquilo que potencializa diálogos fecundas para a tessitura do texto. Diálogos que, desse modo, contribuem, enriquecem e inspiram o horizonte de minhas abordagens com seu matiz transdisciplinar. Inspiro-me, sobretudo, em minhas próprias vivências e aprendizagens nas sagas tortuosas das *itinerrâncias* pela tragicomicidade dos desvãos do existir e do co-existir no mundo.

Nas urdiduras das reflexões/meditações acerca do Amor, não primo por uma abordagem genealógica, por uma exposição histórica da temática, e nem por um campo específico das chamadas humanidades – procuro atravessá-las. Estribo-me, sobretudo, em matutações que penetram no horizonte do ontológico, do existencial, das intensidades que configuram

os fluxos do Amor nas tramas de nosso cotidiano em nosso ser-sendo-com. Vislumbro esculpir texturas abertas que pretendem traduzir o Amor como constitutivo ontológico de nossos existires, como expressão que perfaz o espectro dos valores humanos primordiais; como núcleo magmático que vivifica e afirma as in-tensidades dos laços de coexistência humana, *eco-humana*, no exercício do cuidado zeloso e fino para com esta coexistência.

Muito já se escreveu sobre o Amor, sobretudo, em sua modalidade Eros, sobre o Amor romântico, o enamoramento entre duas ou mais pessoas. Neste trabalho, primo pelas expressões do Amor *Philia* e *Ágape*; da possibilidade de um Amor Uni/pluriversal como expressão da sinergia que entrelaça a todos os seres humanos desde os valores da amizade, da solidariedade, da generosidade, da equidade, da compaixão, da fraternização, da liberdade... Valores que incidem no cuidado com a dignidade e com a boniteza do humano, do *eco-humano*.

As meditações que plasmoo neste texto propugnam abordar o Amor desde o que considero como uma perspectiva mais funda e vasta: um Amor-síntese, um *Ecoamor*, como possibilidade de abertura originária e originante para o aberto, para o incomensurável, ao se traduzir nas buscas in-tensivas que configuram os desafios e paradoxos do humano, *demasiadamente humano*. Um Amor que, como Ecoamor,

estampa a policromia do humano, do inter-humano, do *inter-ser*, do cuidado com o *eco-humano*.

No capítulo 1, “O Amor em algumas tradições culturais”, apresento, com brevidade, ideias acerca do Amor a partir de algumas tradições culturais, com realce na tradição grega primordial, considerando a potência vigorosa dos símbolos míticos que esta traz ao revelar as imagens de *Porneia*, *Eros*, *Philia* e *Ágape*.

No capítulo 2, “O eclipse do Amor em nosso cotidiano”, descortino algumas ponderações sobre a desfiguração do Amor em nossa cotidianidade, sobretudo, na sociedade consumista, em que este é, em larga escala, bastante eclipsado e mutilado na proporção em que predominam as lógicas do consumo, da apropriação e da competição que tanto esgarçam e depredam o humano, o ecossistema.

No capítulo 3, “O Amor como constitutivo ontológico da condição humana”, teço pensações/meditações que consideram o Amor como constitutivo ontológico e existencial, portanto, como fulcro estruturante da condição humana, do existir e do coexistir humanos. Amor como magma, como núcleo seminal que constela o elã vital; como força irradiante, motriz e nutriz, que faz vicejar e robustecer a vida, o humano, que plasma Sentidos existenciais e coexistenciais.

No último capítulo 4, “Ecoamor: o cuidado com a coexistência entre os seres”, apresento lampejos meditativos que vislumbram o *Ecoamor* como horizonte que nos desafia na

vivência, na fruição do Amor como expressão do amálgama interligante entre todos os seres vivos do ecossistema. Um Amor que lastreia a coexistência e o copertencimento inter-humano, inter-ser, *eco-humano*, *ecofraternizante*; que aponta para uma suposta *Fraternidade cósmica*.

Após o capítulo 4 trago alguns versos de cordel (O Amor em *traversias*) que pretendem traduzir as ideias do livro nas urdiduras dessa linguagem poética.

Como todo texto que produzimos, em nossa condição de seres inacabados que gravitam entre limites e possibilidades diversas, este se projeta marcado por uma multiplicidade de lacunas e incompletudes, de silêncios e sons, sobretudo, em se tratando de uma temática tão incontornável.

O Amor em algumas tradições culturais

Ama e permanece em silêncio.

Shakespeare

Amar é a eterna inocência.

Fernando Pessoa

Amar é luzir de uma luz inesgotável.

Rilke

Ah! É o amor, é o amor que faz girar o mundo.

Lewis Carrol

Nas intensidades de suas polifonias, o Amor está presente, nas mais diversas tradições culturais da humanidade, como um magma que vivifica, como fonte originária e como núcleo primordial do humano. Essa presença ocorre em consonância com os fluxos de cada arco histórico, da heterogeneidade e do dinamismo de cada cosmovisão, de cada tradição cultural.

O Amor na tradição grega

Na tradição grega, no livro *O Banquete*, Platão (1987) nos apresenta a origem do Amor através da riqueza e do primor das imagens míticas. Nessa obra, ele expõe diversos diálogos acerca dos Sentidos do Amor, a partir de um banquete que reuniu personagens proeminentes da tradição filosófica e cultural da Grécia. Na intervenção de sua fala, Sócrates apresenta o nascimento do Amor que foi a ele revelado através da voz sábia da sacerdotisa Diotima. Ela conta que, para celebrar festivamente o nascimento de Afrodite, os deuses se reuniram num banquete.

Neste banquete, Recurso/Engenho, com toda sua pujança, adormece num jardim e é acometido por Pobreza/ Penia que, em seu estado de indignação, deita junto de seu corpo. Desse contato de Pobreza com Recurso, nasce Eros, o deus do Amor. Nascido sob os auspícios de Afrodite, a deusa da Beleza, Eros se torna o amante do belo. Como assevera Philippe (1998, p. 45): “Tal é a razão do vínculo que une o amor e a beleza”. Na jorrância do Amor, a beleza revela-se e constela-se.

Assim, desde o seu nascimento, na esfera da tradição mítica grega, o Amor é constituído pelos traços híbridos e complementares da carência e da abundância, da fragilidade e da força, do vazio e da *cheiura*, da pobreza e da riqueza. Desse modo, o Amor se traduz em intermediação e interligação, em relação de implicação e de entrelace. Philippe (1998, p. 41) realça: “O amor é intermediário (*metaxu*) entre o belo e o feio, entre o bem e o mal [...] ele é intermediário entre o divino e o humano”. Amor como amálgama que compõe teias entrelaçadas reveladoras de uma polifonia e de uma policromia de Sentidos em que os polos diversificados se interpolarizam.

Em suas investigações acerca do Amor, Leloup (2002a) se refere à tradição ancestral da cultura grega em que este é abordado a partir de quatro formas de expressão que considero bastante relevantes para a compreensão que apresento neste texto: Amor como *Porneia*; Amor como *Eros*; Amor como *Philia* e Amor como *Ágape*.

O Amor *Porneia*

Leloup (2002a, p. 46) afirma que “no grego, a primeira palavra para falar do amor é o termo *porneia* [que] se refere ao amor do bebê pela sua mãe”. Dessa forma, o Amor se traduz, inicialmente, na atitude da criança que desfruta do mamar, do comer, do nutrir e saciar suas necessidades biológicas elementares. O Amor como *Porneia* é caracterizado pela manifestação instintiva e primária da vida humana – os instintos elementares de sobrevivência. É a expressão do estado primal e orgânico da condição humana em que se manifestam as características peculiares de nossa esfera animal, em que as instâncias do físico, do biológico e do sensorial são reinantes. É o Amor carnal, com seu traço mais vegetativo e instintivo, configurando-se, também, na expressão de “[...] toda manifestação de desejo pelo corpo do outro”. (ROUSSELE, 1984, p. 13)

O vocábulo *porneia* está presente em diversos textos da literatura grega da Idade Antiga. (ROUSSELE, 1984) Posteriormente, nos escritos religiosos, a expressão é traduzida, sobretudo, como fornicação.

Na proporção em que nos confinamos apenas ao estado de Amor *porneia*, nos reduzimos à nossa mera condição de animais e, desse modo, não podemos desenvolver nossas potencialidades anímicas. Assim, predomina a expressão dos instintos primários, o estado de banalização e de mercantili-

zação do sexo mediante a pornografia; a supremacia de posturas e ações com traços aviltantes e toscos. Essa confinação implica na exacerbação desses instintos primários que, isolados das outras potencialidades humanas, podem levar aos processos de brutalização e de degradação do humano.

O Amor Eros

No Amor como *Eros*, a presença da esfera instintiva e vegetativa continua estruturalmente presente – como também deve continuar em todas as outras formas de Amor, revelando a textura orgânica de nossa condição animal/biológica –, porém, são desenvolvidas sensações e emoções que possibilitam o cultivo gradual de sentimentos que caracterizam os processos de humanização nas relações de cada um consigo mesmo e com os outros. É o território em que os impulsos das paixões movem, inspiram e levam a experiências mais amplas de prazer e de gozo em que corpo e mente coparticipam do processo. Os desejos que pulsam na corporeidade impelem às buscas e são partilhados e vividos, individual e coletivamente. Nesse âmbito, o Amor vai sedimentando a trajetória de humanização de cada indivíduo.

Nas expressões humanas de *Eros*, “o amor torna-se inteligente, não somos apenas animais” (LELOUP, 2002a, p. 47), na proporção em que acontece o cultivo do sensível e do inteligível. Leloup (2002a, p. 48) enfatiza que “O amor erótico

é sutil, muito malicioso, travesso”; se projeta na imagem do cupido aventureiro que se lança fagueiro nas peripécias de suas travessuras.

De modo geral, Eros é concebido como forma de Amor que nutre as relações de envolvimento afetivo peculiar entre duas ou mais pessoas em suas diversas formas de expressão. Porém, muitas vezes, essa conotação é alargada e Eros também é considerado como um modo de tradução do Amor de forma mais ampla. Diante das intensidades da imagem mítica de Eros, da força motriz de sua ideia originária, são múltiplas as concepções e os sentidos que se constituem desde seu núcleo semântico.

May (1973, p. 80) proclama que “Enquanto sexo é um ritmo de estímulo e resposta, eros é um estado de ser”, que implica na presença de Porneia, da expressão vegetativa, sexual, em seu âmbito primário, mas que vai além, ao se adentrar em dimensões que expressam as qualidades da subjetividade de cada ser. “Eros é o que nos impele à união com aquilo a que pertencemos” (MAY, 1973, p. 81) ao mobilizar nossos sentimentos e nos envolver conosco mesmos e com os outros. E May (1973, p. 82) arremata: “Eros procura a união com o outro em alegria e paixão”. Nesse eixo, Eros propicia a união com o outro mediante a expressão das pulsões da paixão, dos afetos que proporcionam alegria e contenteza aos indivíduos, bem como momentos de tristeza e de desventuras, como temperos que dão sabor às contingências, ao existir humano.

Eros é também considerado como “[...] o centro de vitalidade da cultura – seu coração e sua alma” (MAY, 1973, p. 109); a força vital que move os indivíduos no dinamismo de suas expressões culturais, dos símbolos da/s cultura/s, insuflando seus processos de afirmação, criação e transformação. Furtado (2008, p. 88 e 89) anuncia que:

Criação, o Eros não reside no desejo de possuir qualquer coisa já existente. Ele é desejo de participar da origem das coisas, é impulso criativo, paixão geradora, força inventiva. O amor é tudo que faz parir; ao pensamento, ideias, verdades; aos pais, gerar os filhos; à ideia de beleza, gerar no que a contempla o desejo de conhecê-la, assim como ela própria gera tudo o que há de belo no mundo, por imitação. Mas, como toda criação, o amor estará sempre sujeito aos riscos de malogro que a invenção comporta...

Desse modo, a força motriz de Eros impulsiona nossas potencialidades criantes fazendo emergir ações audaciosas e inventivas, em suas variadas dimensões, mediante o dinamismo das vicissitudes do existir que são marcadas pelos riscos e desafios atinentes às travessias humanas.

Referindo-se ao mito de Eros de Platão, Philippe (1998, p. 46) pontua que “[...] o amor ultrapassa todas as convenções, ele é ‘marginal’”, na proporção em que transgride as lógicas enrijecidas dos modelos instituídos, das formalidades convencionadas socialmente. É um rebento que desponta

através do encontro inusitado e vivificador entre a carência e a abundância, “[...] há no amor uma tensão trágica” (PHILIPPE, 1998, p. 47) que traduz a condição orgânica, visceral, demasiadamente humana de cada indivíduo.

No decurso da cultura ocidental, a presença de Eros é bastante revelada através do que se convencionou chamar de amor cortês e de amor romântico. Furtado (2008, p. 91) acentua que:

O amor cortês implicava a castidade, como vimos, a interdição do prazer sexual. O ideal de amor romântico era o de um sentimento exaltado no qual as dimensões espirituais e sensuais, a exaltação emocional e o prazer corporal confundiam-se e, ao mesmo tempo, limitavam-se mutuamente, como no gozo dos místicos.

O Amor romântico, tratado numa infinidade de obras, tanto de ensaios como de literatura, traduz a forma de expressão do Amor que mobiliza, de modo intenso, as emoções e os sentimentos das pessoas através de envolvimento eróticos que as unem umas às outras no estabelecimento das parcerias de enamoramentos. O Amor romântico é compelido pelas flamas das paixões que arrebatam e impulsionam ao encontro com o outro, à fruição dos fluxos intensos da jorrância dos sentimentos envolventes. (GURMENDEZ, 1981; JOHNSON, 1987; LÁZARO, 1996; FURTADO, 2008; ILLOUZ, 2011; LOBATO, 2012; MARIMÓN; VILARRASA, 2014)

Esse Amor romântico se configura como experiência afetiva que entrelaça as pessoas através da presença interligante do lírico, do pulsar das emoções e sentimentos que envolvem profundamente homens e mulheres no descortinar de suas aventuras amorosas com seus/uas parceiros/as.

Marimón e Vilarrosa (2014, p. 336), ao tecerem considerações sobre o Amor romântico, declaram que “O paradigma do amor romântico elimina a singularidade dos indivíduos e os arrasta para um jogo de idealizações em que cada um vê no outro aquilo que deseja”. Na expressão das intensidades dessas paixões, o amor romântico tende a idealizar as pessoas de acordo com o universo de desejos do/a enamorado/a; a se projetar como um suposto Amor puro, imbuído de plenitude e perfeição. Essa atitude tende a negar a concretude existencial da subjetividade de cada um dos implicados na relação forjando modelos ideais desprovidos do estofo do mundo vivido.

O Amor Philia

O Amor *Philia* se traduz num estágio mais vasto e sublime em que é cultivada a experiência dos sentimentos de amizade. Ele se projeta por meio da abertura e da cordialidade na relação afetiva de cada indivíduo com os demais. O Amor *Philia* revela as atitudes de generosidade e de solidariedade, da partilha com as pessoas amigas das experiências de dores e de prazeres, de tristezas e de alegrias que compõem e estampam

a vida cotidiana. Os laços de amizade se firmam na expressão dos sentimentos de confiança e de respeito mútuos, nas manifestações de carinho e de ternura através dos elos afetivos que entrelaçam reciprocamente os corações e as almas humanas.

Para Leloup (2002b, p. 48), “a *philia* é amar o outro enquanto outro. Trata-se de um amor de intercâmbio: eu te dou e eu recebo, compartilho o que eu sou e recebo o que tu és”. Esse intercâmbio se processa através da techedura da teia sinérgica que entretece o compartilhamento da intensidade dos sentimentos e desejos, das crenças e dos valores humanos.

Na perspectiva de Aristóteles (1987, p. 139), a amizade “é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”. A virtude da amizade é considerada, assim, um dos bens, dos valores primordiais mais preciosos e imprescindíveis da vida. Ainda Aristóteles (1987, p. 147) considera que

E assim, como a amizade depende mais do amar que do ser amado, e são os que amam os seus amigos que são louvados, o amar parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só aqueles que amam na medida justa são amigos duradouros.

A amizade se traduz numa das modalidades mais expressivas e potentes do Amor e implica na atitude de desprendi-

mento e de generosidade para com os amigos, antes que estes o sejam para conosco.

Ortiz-Osés (2003, p. 200) declara que “A amizade, com efeito, já é eletiva e seus vínculos são intersubjetivos e não carnavais, interpessoais e não familiares, simbólicos e não literais, abertos e não fechados, livres e não necessários, existenciais mais que vitais, humanos mais que animais ou divinos”. A amizade se estriba nos entrelaces intersubjetivos em que prevalecem as relações de partilhas simbólicas e existenciais dos modos de estarmos no mundo.

O Amor Ágape

O Amor *Ágape* revela um estado mais alargado e profundo no dinamismo e nas intensidades do “processo evolucionário” do ser humano em sua busca permanente e inacabada que configura o garimpar as preciosidades dos desvãos e enigmas humanos. É caracterizado pela expressão da *Fraternidade cósmica* como Amor a todos os seres do uni/pluriverso; o *ponto Ômega* de que fala Teilhard de Chardin ([19--]), como ponto de culminância dos processos evolutivos dos seres humanos na gravitação entre sua imanência e transcendência. É a manifestação e a fruição da energia amorosa em suas dimensões de despojamento, sutileza e fineza. Energia que nos une a todos os seres mediante a teia sinérgica que nos faz vibrar e irradiar. É o Amor compaixão, ilimitado; o *Ecoamor*,

como um Amor Cósmico que constela seus tons sagrados nos influxos do coexistir humano, *eco-humano*.

Nesse horizonte, cada ser humano, em sua condição de imanência e de transcendência, pode reluzir com as centelhas de sua própria divindade. Centelhas que reverberam na sinergia da coexistência compassiva e fraterna; que flamejam e vivificam as relações entre os seres humanos e as relações destes para com os demais seres do Planeta Terra. Com essas características, o estado do Amor Ágape constitui um intenso desafio no horizonte de nossas travessias e buscas humanas.

Leloup (2002b, p. 48-49), referindo-se ao Amor Ágape, assevera que “trata-se da experiência do amor gratuito, do amor em troca de nada [...] é verdadeiramente um amor divino” em que “somos capazes de amar aqueles que não nos amam”. Portanto, um estado expressivamente lapidado de Amor incondicional que vai além da reciprocidade, das trocas mútuas. Um Amor de gratuidade, *fratriarcal*, na proporção em que, além do patriarcal e do matriarcal, implica em relações de fraternização com todos os seres. Fromm (1971, p. 73) anuncia que o Amor fraterno se traduz no:

sentimento de responsabilidade, de cuidado, de respeito por qualquer outro ser humano, o seu conhecimento, o desejo de aprimorar-lhe a vida. [...] O amor fraterno é o amor por todos os seres humanos; caracteriza-se pela própria falta de exclusividade.

O Amor Ágape se configura num Amor *eco-humanista* ao considerar a relação de coimplicação e de complementaridade amorosa, não apenas entre os seres humanos, mas entre todos os seres do ecossistema. Um Amor cósmico que faz circular os fluxos da sinergia que interliga todos os seres que compõem a teia entrecruzada do Cosmos.

Needleman (1998, p. 104) afirma que: “O ágape é o amor que brota da plenitude”. É a vastidão do Amor que traz momentos de plenitude aos indivíduos no entretecer cotidiano de suas relações de coexistência, “[...] um amor substancial, fonte de uma nova vida” (PHILIPPE, 1998, p. 80), que infunde renovação constante.

Nessa perspectiva de compreensão do Amor, a partir do legado da sabedoria grega primordial, percebemos que este se caracteriza e se desdobra em diversas modalidades, apresentando os contornos dos processos dinâmicos que configuram a afirmação, a expansão e a maturação de cada existir humano, nas in-tensidades de seus ciclos evolucionários, eternamente abertos e inacabados. Desse modo, o Amor emerge a partir de suas manifestações primárias e instintivas, na expressão física e biológica da condição humana, e resvala-se, em suas mais diversas tonalidades, nas dimensões anímicas/espirituais através das formas de relação cuidadosa e terna de cada um consigo mesmo e com os outros.

Como já acentuei, esse possível estado de culminância do Amor Ágape não implica na denegação das outras modalida-

des de Amor. Ao contrário, as inclui de modo estruturante, como alicerces que dão sustentáculo a este, mediante a cadeia de seus fluxos expansivos, na complexidade da nossa condição de seres humanos imbuídos de in-tensidades, ambiguidades e paradoxos. Assim, para cuidar bem desse estado expandido e profundo do Amor incondicional, carece também de que cuidemos bem da condição do Amor *Porneia*, de *Eros* e de *Philia*.

Philippe (1998, p. 104) acentua que “O amor mais espiritual exige um enraizamento no amor passional”. Sem esse enraizamento na nervura das contingências humanas, de nossa condição orgânica e existencial, a árvore de nosso existir não consegue crescer, vigorar e descortinar, de modo alto-neiro, a exuberância de suas folhas, flores e frutos.

O Amor na tradição cristã e budista

A tradição cristã que se projeta no estofo de muitas das mais diversificadas culturas do mundo é considerada, em suas matrizes originárias, como uma das vertentes religiosas/espirituais que mais afirmam e realçam a presença e a relevância primordial do Amor na vida cotidiana. Referindo-se ao cristianismo, Leloup (2002b, p. 31) afirma que este propõe “Uma liberdade de amar o outro em sua diferença, de amar o divino no outro, de amar o outro como a mim mesmo, reconhecendo-me nele”. Nessa vertente, amar implica em reconhecer-se

e cuidar de si próprio e, ao mesmo tempo, despojar-se para reconhecer e cuidar da singularidade de cada outro, considerando que em cada um encontra-se a presença da energia, da centelha divina que emana de Deus. Nesse sentido, é bastante propagada a máxima cristã do “Amar ao próximo como a ti mesmo”. Ou seja, o amar a mim mesmo e ao próximo se processa de modo interligado e complementar. O descuido com uma destas dimensões afeta e desqualifica, necessariamente, a outra.

Dentro do horizonte do cristianismo, Ortiz-Osés (2003, p. 167 e 168) considera que o amor é “[...] a interseção do eros pagão e do ágape cristão, assim como amor-implicação ou Amor anímico. [...] Neste Amor mediador e mediado está o autêntico bem comum da humanidade”. Destarte, o Amor revela o cultivo da dimensão anímica da vida e se revela na busca do bem comum, no cuidado com a fraternidade entre os diversos seres de toda a humanidade.

Na Carta de São Paulo aos Coríntios, cap. 13, (A BÍBLIA..., 1993, p. 186) encontramos descrições preciosas que procuram traduzir o Amor:

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais

acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte profetizamos. [...] Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

A vivência do Amor implica no penetrar nas intensidades das experiências dos ritos de iniciação e de reiniciação constantes, nos ritos de passagem que nos atravessam por dentro (e por fora) e que vão possibilitando, na cadência cíclica do tempo vivido – *kairós* –, os aprendizados que levam à afinação do espírito e do coração, ao cultivo das virtudes da paciência, da bondade, da humildade, entre outros.

Como indicam as sábias palavras de São Paulo, as ações humanas, inspiradas nos princípios do Amor, se caracterizam pela tolerância, pelo altruísmo, pela indignação diante das injustiças e crueldades que espezinham os seres humanos. Parodiando uma máxima de Jesus Cristo, *o Amor deve ser pacífico como as pombas, porém, prudente como as cobras*. O Amor não pode se acomodar e ficar indiferente diante das atitudes de indignidade e de servidão. Não pode se submeter ao jugo das opressões aviltantes. Ele interliga os repertórios da Ética (do bem, da justiça...) e da Estética (do belo, do admirável...). Sem postura ética o Amor perde sua dignidade. Sem o cultivo da dimensão estética o Amor perde sua sensibilidade.

Fazendo referência à tradição budista, Leloup (2002b, p. 19b) pontua que nesta “A arte de amar não é o desenvolvimento de emoções ou sentimentos, é o desenvolvimento de uma grande atenção em relação a tudo que vive e respira”. No Budismo prevalece a ideia, o sentimento de um Amor como um “estado de atenção” (LELOUP, 2002b, p. 19), de um Amor-compaixão como ação de cuidado para com todos os seres existentes.

Para o Dalai Lama XIV, principal líder do Budismo atual, a “Compaixão é o desejo de que os outros se libertem do sofrimento”. (VREELAND, 2002, p. 73) Esse sentimento vasto e fundo da compaixão se processa através do cultivo da empatia como modo de cuidar da “proximidade com os outros [...] como sentimento de responsabilidade, de preocupação com relação a alguém”. (VREELAND, 2002, p. 74) Mediante o exercício da relação de empatia me descendo de mim mesmo e me disponho para os processos de atenção e de cuidado para com os outros no compartilhamento dos sentimentos de solidariedade, de generosidade, de altruísmo.

Dalai Lama (2000, p. 143) realça que “quanto mais compaixão tivermos mais estaremos promovendo a nossa felicidade”. Nessa perspectiva, na proporção em que somos mais compassivos, em que exercemos o Amor-compaixão em nossas atitudes cotidianas, mais atribuímos Sentidos ao nosso existir e co-existir, mais tornamos vigorosa nossa presença humana do mundo.

A sabedoria budista realça a compreensão da importância do desapego nas relações entre as pessoas, considerando que o apego implica em dor e sofrimento, em insegurança e dependência entre estas. Na proporção em que as coisas, os fenômenos, a vida não são fixos nem imutáveis, mas estão em estado de constante mudança, e, portanto, são impermanentes, o desapego é uma postura primordial para que não nos escravizemos nos grilhões do apego e, assim, não nos asfixie-mos numa ordem fechada e rígida.

O Amor como amálgama interligante

Eisler (2007, p. 192) pondera que existe uma “[...] palavra que, não por coincidência, está no cerne de todas as tradições religiosas do mundo: o amor”. Na diversidade de suas cosmovisões, de seus símbolos míticos, de seus rituais e de suas ações cotidianas, as múltiplas tradições espirituais do mundo, de modo geral, apresentam o Amor como um fundamento último, como um princípio primordial, como uma fonte inspiradora da coexistência humana.

Considerando a potência da imagem, da ideia originária do Amor como Eros na tradição grega, em que este nasce do encontro interligante entre as in-tensidades das polaridades interpolares de carência/pobreza e de abundância/recurso, podemos compreender que o Amor é expressão do *entre*. É força mediadora, laço de união, que potencializa o entre-

laçamento das dimensões diversas do existir humano interligando as diferenças. É um amálgama entre polos que são contrários, mas que também são interdependentes entre si como o masculino e o feminino e, portanto, se interpolarizam. O Amor é movido pela inquietude do desejo. Desejo que se sacia e se descortina em novas querenças. Carência e saciedade se alternam infinitamente. O Amor é expressão de mobilidade e de quietude; de busca incessante pelas aventuras da saga do humano, do inter-humano.

Sagrado e profano se enlaçam na órbita do Amor. Morin (1998, p. 21) proclama: “O amor adquire expressão no reencontro do sagrado e do profano”. O Amor envolve as dimensões mais instintivas da carnalidade de nosso ser selvagem, como também, as dimensões mais sutis e anímicas como instâncias complementares que nos constituem humanamente.

Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 46) ecoam: “O amor é a busca de um centro unificador que permitirá a realização da síntese dinâmica de suas virtualidades”. Ou seja, ele se traduz na “alma do símbolo” considerando o símbolo como liame que agrega e reúne as partes, os diversos, os diferentes. Ortiz-Osés (2003, p. 249) afirma que “O amor simboliza o sentido da vida humana enquanto logos-reunião de opostos compostos, mediação de contrários”. O Amor agrega os polos contrários que perfazem a vida e que se tensionam e coexistem de modo complementar; compele à interpolaridade. Marimón e Vilarrasa (2014, p. 26) pontuam que “O amor é,

em todos os casos, uma relação (no sentido de religar, unir)”. É peculiar e estruturante no Amor, nas suas múltiplas formas de expressão, envidar ações de interligação, de religação, de entrelaçamento entre os diversos seres.

Nesses compassos, o Amor, quando cultivado nos fluxos de duas vastas potencialidades, singra as curvas de seus leitos, com suas impetuosidades e remansos, flutuando nas intensidades de sua jorrância, entre os escoadouros e pedras de suas travessias, alargando os limites de suas margens. Assim, desborda os estados mais profundos e intensos ao se enredar pelos confins do espírito de fineza, da sinergia que pode entrelaçar todos os seres através da perspectiva do Ecoamor, da *Fraternidade cósmica*.

O eclipse do Amor em nosso cotidiano

Amor é desejo de beleza.

Ficino

*No verdadeiro amor,
são as almas que envolvem os corpos.*

Nietzsche

... o amor é coragens.

Guimarães Rosa

Numa sociedade em que prevalecem os imperativos das lógicas que primam pelos ditames do ter, pela hegemonia da produtividade e do consumo, da ordem do cálculo e da funcionalidade, mediante o regime dos processos hostis de exclusão, de competição e de indiferença, o Amor, em seus Sentidos primordiais, ontológico-existenciais é considerado uma heresia, uma experiência/vivência impertinente e prescindível.

Nessa esfera, o Amor é mutilado e exilado da contextura do viver cotidiano; é eclipsado do horizonte de nossos existires. A supremacia desse modelo quantitativista, estruturado pelos pilares da possessividade e da digladição chega a estados que passam, em grandes proporções, a barbarizar e degradar a vida, a raça humana, bem como todo o ecossistema.

O reinado da lógica da competição, fundada num individualismo suicida, dessensibiliza e desumaniza cada indivíduo, o converte em máquina fria, em simulacro de gente, na dilapidação de sua condição primal de ser humano (*húmus*); desqualifica e brutaliza o humano. Os imperativos desse modelo operam com as lógicas da exclusividade que separam e segregam os humanos nesses processos de competição que esgarçam, depredam e instalam a supremacia da insensatez, da selvageria.

O primado do individualismo, da funcionalidade do ter se traduz na abominação da presença do Amor, pois este implica naquilo que estas posturas negam e excluem de forma pe-reemptória: a amizade, a generosidade, o compartilhamento, o cuidado com a dignidade e a boniteza do humano. A tirania da razão cínica que atravessa e predomina nas posturas e ações dos indivíduos e grupos na sociedade contemporânea, lastreia-se na extrema indiferença e repulsa para com os valores humanos primordiais. Considero como valores primordiais aqueles que nos constituem como humanos e que perfazem o estofo estruturante das culturas humanas, no dinamismo de sua heterogeneidade, de suas diversas tradições. Valores que, mesmo diante das diferenças culturais, dos modos diversificados de suas expressões, são fontes inspiradoras e dignificadoras da raça humana como: a honestidade, a solidariedade, a liberdade, a equidade, a fraternidade...

No regime da tirania da razão cínica, as pessoas convertem-se em coisa utilitária, em objeto mercantil; são coisificadas e exiladas de sua humanidade. Gurméndez (1985, p. 185) realça que

O capitalista, ao objetivar interiormente o amor, o mercantiliza, dilapidando sua essência real, o atomiza no mesmo instante de concebê-lo, pois não ama a uma pessoa pelo impulso direto da paixão que suscita, senão pelos valores que se imagina possuir.

No bojo das relações capitalistas, as pessoas valem pelo que possuem materialmente e não pelo que são existencialmente. Os despossuídos de bens, portanto, não existem como seres humanos, não são seres livres. São apenas recursos produtivos que devem estar a serviço dos detentores dos poderes e dos bens em que os valores são desqualificados, convertem-se em preços, em fins mercantis.

O (suposto) Amor burguês é regido pelo primado da razão utilitária em que as relações são estruturadas mediante o jogo do mercantil, a trama dos negócios no primado da lógica do custo-benefício.

Na proporção em que as relações são regidas pelos influxos da lógica do mercado, a vida humana passa a ser concebida, não pelos seus valores fundamentais, mas pelo seu preço, pela representação de seu relevo quantitativo, de sua relevância como coisa negociável.

Maturana (1997, p. 185) explicita:

A origem antropológica do *Homo Sapiens* não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor.

Nessa perspectiva, somos destinados à cooperação, à convivência/coexistência. Porém, nos parâmetros da supremacia das lógicas mercantis, passamos a operar com as armas da competição que nos barbariza e brutaliza. Essa competição

“implica na negação do outro [...] gera cegueira”. (MATURANA, 1997, p. 185) Cegueira que resulta em atitudes que incidem em destruição do si mesmo de cada um e dos outros, na tendência de esgarçamento de todo o ecossistema.

Consumo, logo existo?

O consumismo aviltante que assola nossa sociedade instala processos de coisificação e de mercantilização que desterram o Amor do existir e do co-existir humanos. Nesse contexto, cada indivíduo é reduzido a sua mera condição zoológica com a projeção isolada de sua hostilidade primária, de seus instintos vegetativos que, assim, desembocam no estado de selvageria. A barbarização dos indivíduos, mediante a virulência das relações de competição, torna intoleráveis as relações entre estes mediante o domínio do espírito de possessividade e de digladição que leva a processos dantescos de destrutividade. Nesse estado, são reprimidas e denegadas as potencialidades humanas primordiais que nos são inerentes e que possibilitam a lapidação de nossa sensibilidade, de nosso espírito altaneiro, bem como o cuidar dos laços de simpatia e de fraternização. A alma e o coração são enrijecidos e cristalizados pela frieza insolente desse estado de barbárie. Fromm (1971, p. 22) assevera que

Numa cultura em que prevalece a orientação mercantil, e em que o sucesso material é o valor predominante, pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho.

Nesse prisma, o Amor se desintegra ao ficar circunscrito à funcionalidade mercantil dos fins utilitários, das estratégias das lógicas mercadológicas da produtividade e do consumo.

Na voracidade do consumismo, vale a máxima “Consumo, logo existo”. E o Amor primordial não se reduz nem se cabe nos limites estreitos e calculistas dos formatos das lógicas do consumo, da compulsão do ter, da mera apropriação dos artefatos materiais e até das próprias pessoas. Esses desdobramentos levam a processos de denegação de cada subjetividade, daquilo que é próprio de cada indivíduo. Assim, o ser singular de cada um tende a ser dilapidado e apartado das qualidades que dão Sentidos aos seus existires. Fromm (1971, p. 118) pontua que “Autômatos não podem amar; podem trocar seus ‘fardos de personalidade’ e esperar um bom negócio”. Automatizados nesse afã consumista os indivíduos humanos se despersonificam e passam a ser negociados como coisa – coisificados – nas tramas das malhas do mercado.

As teias das relações que imperam na sociedade consumista e utilitária traduzem-se em posturas apáticas, no es-

tabelecimento de relações frias e meramente funcionais, desprovidas de paixão, de sensibilidade, de calor humano. Reina o império das máquinas produtivas – inclusive as humanas –, numa atmosfera glacial. Para que dar um “Bom dia”, sobretudo se não conheço a outra pessoa? Para que abraçar, ser simpático? O olhar, o toque, o beijo, o abraço, a atenção e o cuidado tornam-se atitudes estranhas, dispensáveis e até repulsivas – são inconvenientes e inúteis. Isso, obviamente, considerando a diversidade cultural, os modos singulares de manifestação amorosa de cada povo. De todo modo, cada povo, na peculiaridade de seus modos de ser e de estar no mundo, com seus mananciais de sabedorias, trazem suas formas próprias de expressar o Amor em nossa condição de semelhantes e diferentes.

O verbo desencarnado

Em nosso processo civilizatório, também fomos muito condicionados pela predominância dos modelos demasiadamente racionalistas, em que a lógica do pensamento conceitual e abstrato prevalece em detrimento da experiência vivida, da vivência encarnada do sensível na textura viva do cotidiano. Desse modo, estão muito presentes nas mais diversas instituições sociais, desde a Família, às Religiões, as pregações e os sermões sobre o Amor. Porém, muitas vezes, estes tendem a se reduzir a meros discursos verbais, a pregação sebosa, com

seus tons demagógicos e vazios, descontextualizados do estofamento do viver, da concretude da vivência cotidiana; ao esqueleto das falas descarnadas, desprovidas da seiva da vida.

Forja-se muita esquizofrenia entre o que se diz e o que se faz, mediante posturas demagógicas, que não se sustentam na carnalidade e na contextualidade do fazer e do acontecer cotidianos. Lembrando uma metáfora cristã, *há muitos lobos vestidos de ovelhas* que pregam o Amor com o douramento retórico das palavras, mas que o negam e desfiguram efetivamente nas pequenas e grandes ações em que prevalece a lógica do cinismo, do moralismo, do abuso de poder, da opressão etc. Em nome de Deus, como Ele não dispõe de condições, na regularidade da vida cotidiana – ao menos, comumente, de modo tangível – de se defender, comete-se as maiores barbaridades.

Esses discursos também se propagam na euforia, muitas vezes histérica, de falas emocionalistas e espumantes de muitos líderes de diversas instituições que se configuram apenas como sofisticadas encenações demagógicas. São discursos que pretendem arrebatar e seduzir as “massas” para anestesiá-las e aprisioná-las, inclusive em nome de Deus.

É relativamente fácil exercer o domínio da palavra, dos expedientes do discurso, das astúcias de uma razão que se torna instrumental no exercício de pregações eloquentes sobre o Amor. Contudo, parece bastante difícil assumi-lo e vivenciá-lo na carnalidade de nossas ações no cotidiano do

existir. O Amor se desbota e perde seu vigor seminal quando encerrado nas fôrmas dos padrões instituídos, na ordem dos discursos abstratos e das meras pregações. Estas, muitas vezes, são revestidas de contornos moralistas e cínicos, que representam hipocrisia e má fé.

No livro *O Papalagui*, Scheurmann ([19--], p. 97), apresenta comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul, em relação à cultura ocidental, em que este sabiamente pondera:

[...] o amor tem de estar em nós tal qual o nosso sangue, ser uma só coisa com o coração e a mão. Mas o Papalagui tem as palavras cristão, amor, Deus só na boca. Bate-as com a língua, faz muito barulho, mas nem o seu coração, nem o seu amor inclinam-se ante Deus; inclinam-se apenas ante as coisas, ante o metal redondo e o papel pesado; ante as ideias de prazer, ante as máquinas.

Tuiávii fala do Papalagui referindo-se ao ser humano ocidental, movido pela hegemonia da lógica do consumo, dos valores utilitários, explicitando como ele percebe as posturas em que reinam a hipocrisia entre estes que discursam muito sobre o Amor, até com “muito barulho”, mas que, no cerne das ações cotidianas, cultuam muito mais o “metal redondo”, o deus dinheiro.

No Cristianismo, religião predominante em nossa tradição cultural, a presença de Jesus Cristo testemunha as fraturas

existentes nas tradições religiosas instituídas na proporção em que este denuncia, com a força de sua irreverência, a supremacia das posturas por Ele chamadas de farisaicas, em que muito se fala, mas pouco ou nada se faz no que se refere à vivência do Amor. Foi necessário que Ele subvertesse a rigidez dos estatutos formais abstratos e escandalizasse as autoridades das instituições religiosas de então, expressando e dando testemunho vivido e rasgante da experiência visceral do amoroso.

Atualmente, parece serem mais assustadoras ainda as paisagens que predominam em muitas instituições religiosas consideradas cristãs em que os “mercados da fé” se proliferam de modo avassalador.

O Amor, com seu fulgor originário, implica na transgressão dos limites burocráticos e mecânicos que configuram a formalidade e a sisudez das normas e leis instituídas que aprisionam suas expressões seminais, em suas funduras e larguezas, em suas curvaturas e desmesuras.

O patriarcado

Nossa cultura, demasiadamente materialista e patriarcal, em que, de modo geral, as relações são estabelecidas através dos domínios privados da posse, instituiu comportamentos e atitudes nas relações cotidianas entre as pessoas que confundem muito a expressão grandiosa do Amor com a pequenez do apego. Apego, aqui, é concebido como postura em que passamos a nos tornar, viciosamente, dependentes de coisas e de pessoas,

em que nos colamos e nos escoramos nestes perdendo nossa liberdade e centralidade. Um pouco mais adiante tratarei melhor acerca do apego.

As ideias e posturas patriarcais são profundamente enraizadas na história humana, e, de modo geral, estas são naturalizadas e propagadas de forma difusa e dissimulada. São processadas no inconsciente coletivo da humanidade e, assim, penetram nos imaginários, nas mentalidades das pessoas, muitas vezes, de modo invisível. Essas concepções e posturas se estruturam a partir das ideias centrais de posse e de apropriação em que, sobretudo os homens (os machos), são considerados superiores e detêm poder de controle sobre as mulheres (as fêmeas), mas, também, de posse e controle de outros homens por aqueles considerados mais poderosos.

O patriarcalismo se fundamenta na lógica da competição, da apropriação e da exclusão em que alguns poucos se apropriam dos bens materiais, dos outros, como sustentáculos de exercício de seu poder inflado. Vale a lei em que o fim é a posse, o acúmulo de bens, o ter coisas e poder (*podrer*), não importam os meios utilizados para este propósito. Assim, predominam as posturas rígidas e sisudas em que uns poucos decidem sobre a maioria de forma autoritária, monológica. O patriarcalismo é avesso ao diálogo, às relações dialógicas entre as pessoas. Os desdobramentos das posturas patriarcais, tanto nas igrejas, como nas famílias, na política etc., têm causado processos intensos de barbarização e de destruição

através de seu espírito bélico e predatório. (MATURANA, 2004; EISLER, 2007; ORTIZ-OSÉS, 2003)

Maturana (2004, p. 37) afirma que o patriarcalismo faz

de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade.

O patriarcalismo, como uma referência paradigmática bastante presente nos diversos confins da humanidade, se projeta, sobretudo, nas religiões monoteístas em que, através de suas instituições, alguns patriarcas são considerados como ungidos de um poder estatuído por um Deus Pai, e, assim, em nome deste, passam a exercer, de modo autoritário, controle e domínio sobre os demais, notadamente sobre as mulheres.

O apego asfixiante

O apego, o desejo desenfreado de posse, como um vício compulsivo, sufoca a liberdade do Amor. O Amor não se alicerça na posse de bens, mas na fruição do Bem; se traduz na liberdade, no despojamento em relação aos apegos para com as coisas. Ele supõe partilha e troca, mediante relações dialógicas em que cada indivíduo revela sua subjetividade e se entrelaça com os outros através da intersubjetividade, sem que

uma subjetividade anule a outra. Pressupõe, simultânea e alternadamente, proximidade e distanciamento; momentos de encontros e momentos de solidão. A excessiva proximidade do apego ofusca provocando cegueira e subserviência em todas as formas de relação amorosa.

O apego incide em relações de dependência que escravizam as pessoas e, na medida em que umas se colam nas outras, se descentram de si mesmas. Assim, estas perdem sua individualidade, sua centralidade. Enquanto o apego se funda na relação de dependência que asfixia, o Amor se funda nas relações de interdependência, mediante posturas dialógicas e complementares de trocas e compartilhamentos mútuos. Na relação de apego, em que uma pessoa vive em função da outra, descentrada de si mesma, a insegurança e o medo da perda estão sempre presentes provocando vias sacras de sofrimentos. Maturana (2001, p. 25) proclama: “Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor”. A ausência do Amor nos torna órfãos debilitados e nos leva a relações de dependência e de digladição uns com os outros.

Enquanto o apego provoca, sobretudo, sofrimento e tristeza, dependência e escravidão, o Amor proporciona alegria e felicidade, gera interdependência e libertação. Obviamente que momentos de tristezas, como os de dores e torções, também nos constituem, mais ainda, são imprescindíveis em nossos processos de maturação existencial. Como experiência

humana fundamental, o Amor também é tingido desses momentos doridos e tristes. Momentos que, imbuídos da energia e da força criantes do amoroso, podem potencializar os processos criativos de renascimento, de renovação e de transformação do existir.

Muitas pessoas preferem o apego ao Amor pelo medo que têm diante dos desafios que deste decorrem, das mudanças internas que precisam ser processadas, do compromisso de assumir a própria singularidade, dos riscos inerentes à condição de liberdade. A liberdade que o Amor traz requer espírito de ousadia e de coragem para os desafios que daí se desdobram. O medo de amar traduz também o medo de arriscar, de enfrentar perigos (de perigar), da abertura para as relações intensivas e dialógicas de cada um consigo mesmo e com os outros; de compartilhar, de sair das zonas de conforto da mediocridade.

É tão fácil se apegar às pessoas, às coisas, quanto é difícil se despojar para amar com desprendimento e liberdade. Porém, são as experiências mais difíceis e desafiadoras que também, de modo geral, mais nos enobrecem e enriquecem, que mais nos proporcionam transformações emancipadoras. Amar implica em respeito e compreensão para com as diferenças, proximidade e distanciamento nas relações interpessoais.

O apego sufoca e enrijece. O Amor descomprime e flexibiliza. O apego, como vimos, se caracteriza pela possessividade, pelo desejo instintivo de possuir o outro como se esse

fosse uma coisa apropriável. Maturana (1997, p. 186) debulha: “O amor é inimigo da apropriação”. E Osho (1991, p. 90) afirma: “O amor não é uma propriedade a ser acumulada; é uma radiância, uma fragrância a ser compartilhada”. Radiância e fragrância são coisas inapropriáveis que se deslizam na transparência e na invisibilidade da magnitude e da graça de suas presenças incontornáveis. Presenças que se materializam e constelam através do altruísmo de nossas atitudes cotidianas.

O Amor se descortina nos horizontes do ser, do ser-com, da qualidade suprema da gratuidade e da abertura do espírito e do coração, na expressão da energia vital que viceja o existir e o co-existir humanos. A predominância da esfera do ter, da retenção e da posse, desfigura e encaverna o Amor: o encarcera em sentimentos mesquinhos e egocêntricos imbuídos de insanidades que nos dilapidam.

No apego, prevalece a relação meramente instintiva com as emoções. Isso incide no afogamento de cada um nas relações compressivas com estas emoções que se manifestam de forma tosca e descentrada. Dessa forma, o outro é o alvo de minha segurança. Esta se encontra fora e não dentro de minha estrutura psíquica. Essas atitudes revelam situações de desenraizamento e de descentramento, de temerosidade e de inflexibilidade que impedem de nos mobilizarmos com audácia e espirtuosidade nos desafios que são postos pelos ventos das contingências.

A banalização, a espetacularização e a virtualização do Amor

A palavra Amor comumente é muito utilizada pelas mídias sociais, pelas pessoas como recurso que incrementa e fomenta a futilidade das relações esvaziadas de Sentido humano, na cadência da lógica do consumismo. Há muita banalização da expressão Amor, desde as propagandas, os clichês de novelas, às hipocrisias sociais em que, em seu nome, são feitas encenações das mais esdrúxulas e sofisticadas para ludibriar e disfarçar os individualismos predominantes. As expressões “Te amo”, o desenho de um coração com os dedos da mão, por exemplo, converteram-se, em grandes proporções, em clichês de moda. Obviamente que, muitas vezes, estas são utilizadas de forma verdadeira. Porém, em muitas ocasiões, parece apenas revelarem as encenações das hipocrisias e dos modismos vaziescos.

Em muitas instâncias sociais, como por exemplo, nas universidades em que ainda predomina a ordem das lógicas racionalistas, do cientificismo, do cálculo, tratar de Amor, de modo geral, é considerado como *nonsense*, como coisa *démodé*, algo fora de moda, como pieguice. Nesse âmbito, o Amor é considerado um tema desprovido de “consistência científica”. Portanto, irrelevante e impertinente. Essa visão encerra a ciência nos parâmetros de um conhecimento estatuído apenas na ordem do cálculo, da precisão e das certezas fixas que

a reduz apenas ao âmbito da técnica e da medida e, portanto, não atravessam a inteireza indeterminada da complexidade da vida, do humano.

Nas redes invisíveis do mundo virtual, o Amor tanto pode ser abordado e potencializado em suas expressões qualitativas que implicam em cuidado com os valores humanos, como pode ser reduzido a objeto de consumo fácil e mecânico. E essa última vertente tem sido bastante propagada e utilizada nos dispositivos virtuais, nas redes sociais, chegando a ser predominante.

Os ditames da sociedade do consumo instituem um repositório de consumação do Amor, reduzindo-o a um Amor fácil e mercantil. Propagam-se os supermercados, os *shopping centers* de sexo, em suas modalidades mais diversificadas, em que este converte-se em mercadoria, num bom negócio nas ações de compra e venda de corpos, nos processos de sua banalização. Assim, os humanos são confinados apenas à sua esfera zoológica. Nesse âmbito, prevalece o instinto pelo instinto em sua cadência física e mecânica. O Amor erótico, em sua vertente unicamente instintiva, é exasperado por essa onda avassaladora do consumo na compulsão do descartável. São incrementadas tecnologias sofisticadas que fomentam e impulsionam os instintos sexuais, para a exacerbação do mercado do sexo, com a voracidade de sua compulsão mecânica na promoção da satisfação imediata e fugaz

de meros corpos que funcionam como máquinas de prazer fácil e banal. Lázaro (1996, p. 220) proclama que na sociedade de consumo “Amar-se é uma obrigação, consumir-se um prazer: o prazer obrigatório”.

Como afirma Furtado (2008, p. 97) “Também o mercado capitalista, ao contrário de reprimir, suscita e incentiva todas as formas de sexo, quando não cria novas, arregimentando-as todas para o consumo e a produção de mercadorias”. Nesse contexto, sobressai-se o Amor em sua modalidade Porneia que, de forma isolada, se traduz na extremação da pornografia. Assim, através da expressão exclusiva do instinto sexual, o Amor é reduzido a objeto mecânico de cunho mercantil, a uma mercadoria em alta nos influxos do poderoso e lucrativo mercado de sexo.

As ondas dos narcisismos são muito bem forjadas e azeitadas nessas redes como o Facebook etc. São instituídos modismos que apelam para o *self* – seria muito mais para o *ego* – de cada indivíduo através das malhas invisíveis que anestesiaram e aprisionam. Na histeria do consumo, projetam-se os fluxos intensos de imagens pessoais, mediante a extravagância destas no interior das redes. “Amar a si mesmo é referenciar-se a uma imagem física, sensorial, comunicativa”. (LÁZARO, 1996, p. 220) Nessa órbita, o Amor é confinado ao consumo das imagens que liquidificam-se em si mesmas.

Lázaro (1996, p. 220) assevera que no

‘narcisismo’ contemporâneo [...] o amor deslocou-se para a imagem que o indivíduo faz de si mesmo e para aquela que ele deseja ver refletida nos olhos dos outros. Amar-se e ser amado implicam em adaptação automática aos padrões positivamente qualificados que circulam pela mídia e se estampam no corpo do próximo.

Através desses processos midiáticos, o corpo é forjado, na virtualidade de suas imagens, mediante os estatutos estabelecidos nesse regime *imajolátra* – adoração das imagens. Projeta-se e consome-se um corpo virtual homogeneizado e empadronado nas fôrmas desses modelos. Um corpo desprovido de carne, de sangue, de sensações, de vitalidade, de subjetividade.

Os planos e padrões de homogeneização têm seu sucesso garantido. Grande parte dos “enredados” entra docilmente nas grades invisíveis que prometem sucesso e fama, prazer e felicidade. As fôrmas desses modismos uniformizam comportamentos em que os que deles participam passam a ter os mesmos hábitos, consumir os mesmos repertórios edulcorados, mediante processos difusos de domesticação. São estabelecidas relações mecanizadas e unidimensionalizadas, regidas pelos ventos do descartável, do volúvel, do consumável. Furtado (2008, p. 112) declara que “[...] dispomos de uma imagem pré-fabricada de felicidade na qual se inclui o amor

reduzido a um conjunto de técnicas estético-eróticas-comportamentais”. A felicidade é pré-fabricada e distribuída através dos pacotes e das tecnologias que a incrementa e propaga.

Nas tramas dessas teias virtuais, o Amor é, sobretudo, desmaterializado e invisibilizado. Não carece do pulsar presencial do olho no olho, do toque com o toque. Não é compelido pela pulsão do germe dos conflitos que compelem aos desafios potencializadores de processos de amadurecimento e de mutações existenciais. Forja-se um amor envernizado, fácil, abstrato, desprovido das texturas do estar com, da porosidade da convivência.

Em grandes proporções, esses hábitos virtuais tendem a viciar, a nutrir as inseguranças, a falta de alicerce, de raiz própria. O ser de cada um reduz-se aos fascínios virtuais dos espetáculos proporcionados pela cadência mecânica das imagens. Isso pode nutrir o medo de si mesmo, do outro, da vivência cotidiana, existencial e coexistencial, nas relações afetivas e inter-humanas. Nesses emaranhados, predomina a fugacidade, a vulnerabilidade, a descartabilidade, a liquidificação das pessoas, das relações.

Illouz (2011, p. 129) afirma que “Enquanto o amor romântico tradicional está intimamente ligado à atração sexual – em geral provocada pela presença de dois corpos materiais, físicos –, a internet se baseia numa interação textual incorpórea”. Esse Amor propagado pela internet se nutre das abstrações imagético-textuais descarnadas. “A internet [...] faz com que

o conhecimento intelectual do outro tenha precedência sobre os sentimentos, em termos de tempo e importância”. (ILLOUZ, 2011, p. 130) Assim, os indivíduos são esvaziados da pregnância de seus sentimentos, tornando-se máquinas frias desprovidas da nervura e da calidez do humano. E Illouz (2011, p. 131) arremata: “Dir-se-ia que a internet leva o processo de racionalização dos afetos e do amor a níveis nunca sonhados pelos teóricos críticos”.

As redes e os canais virtuais podem complementar, potencializar contatos, encontros, mas, não substituem a pregnância e a intensidade presencial das relações interpessoais, em suas modalidades diversas. Não substituem a visceralidade do contato orgânico do frente a frente, do lado a lado, do corpo a corpo que potencializa o fluxo vivo de olhares, de sentires, de abraçares, de desafiare; o compartilhamento pregnante e anímico de angústias e alegrias, de sonhos e aventuras.

Essa redução do Amor a um grande negócio lucrativo, como objeto de consumo, implica na sua patologização, em que este é confinado a processos em que os egos individualistas se (des)encontram sem que haja diálogo, troca, confiança, compartilhamento, forjando “[...] a patologia do amor socialmente modelada”. (FROMM, 1971, p. 126) O Amor neurótico usa “*mecanismos de projeção*, para o fim de evitar os próprios problemas e preocupar-se, em vez disso, com os defeitos e fragilidades da pessoa ‘amada’” (FROMM, 1971, p. 133, grifo do

autor), mediante os jogos emocionais represados em sua natureza infantil, fomentando, assim, cadeias de ressentimentos e inseguranças, de ciúmes e rancores corrosivos.

Diante das estruturas sociais instituídas, que, de modo geral, nos meandros de suas teias, apresentam traços de conservadorismo e de moralismo, também se faz presente, no cotidiano das relações humanas, posturas ascéticas e puristas, marcadas pelas catequeses das formações religiosas que incidem na compressão e na repressão (MAY, 1973) do dinamismo e da plasticidade do Amor, em suas modalidades diversas. Esses processos repressivos se projetam, sobretudo, no que se refere às buscas de emancipação dos moralismos compressivos, das manifestações da sexualidade, da corporeidade, da vivência despojada do estar sendo com os outros. Muitas vezes, nesses âmbitos, propaga-se um Amor angelical e puro, portanto, desumanizado, descontextualizado e desenraizado das vicissitudes e das nervuras do existir e do co-existir (impuros) humanos.

Apesar da predominância dos modelos que eclipsam, exclam e dilapidam o Amor em nossa cotidianidade, sob os imperativos dos regimes que superestimam a esfera do ter em detrimento da esfera do ser, ainda me inspiro no elã da utopia. Uma utopia imantada no altruísmo e na grandiosidade de pequenas e potentes ações anímicas envidadas por visionários e loucos que ainda acreditam na amorosidade humana e que fazem uma diferença extraordinária irradiando o esperar.

Utopia que me faz ousar pelas sendas das *itinerrâncias*, primando pelos desafios das iniciações (aprendências e coaprendências), na vivenciação, na fruição do Amor, do Ecoamor como possibilidade e condição imprescindível e primordial para que possamos cuidar dos Sentidos, afirmando, robustecendo, vigorando e alumbrando nosso existir, nosso co-existir, nossa *eco-humanidade*.

O Amor como constitutivo ontológico do humano

*O amor não é senão um fogo a transmitir.
O fogo não é senão um amor a surpreender.*

Bachelard

*Amar é a gente querer
se abraçar com um pássaro que voa.*

Guimarães Rosa

*Ê vida de amor, é sofrida, é doída,
tem espinho mas é flor.*

Rubinho do Vale

*Nunca existiu amor sem loucura.
É impossível que seja de outra forma.*

Labé

A complexidade e os paradoxos do Amor

Garimpar os ermos dos territórios imponderáveis do Amor, como constitutivo ontológico, como condição estruturante do humano, implica transitar entre a complexidade, os paradoxos e as ambiguidades de seus labirintos recurvados, mediante os fluxos das in-tensidades dos desafios que perfazem as travessias da saga humana. Nas proezas do viver contingente, o Amor gravita entre os interfluxos de nossos estados de imanência – na imediaticidade das pulsões do corpo, da gravidez tangível do existir – e de transcendência – da expressão do espírito, daquilo que nos projeta no mundo, no ser-com, no intangível. Gurméndez (1985, p. 13-14) anuncia que:

A complexidade do Amor surge ao vivê-lo, ao penetrar em seus recônditos, em seus meandros, nas sinuosidades de seus mares interiores. Complexo é o amor porque é diverso, contraditório, e opostos os mundos que o criam. [...] asombra sua riqueza plural e ficamos perplexos, desconcertados diante do mistério profundo que encerra, porque sua presença simples, cotidiana, esconde uma multiplicidade de fatos estranhos.

A complexidade do Amor traduz as ambivalências e sinuosidades que perfazem os paradoxos do existir humano. Paradoxos estes que revelam nossas contradições e perplexidades, nossas indeterminações e obliquidades na multiplicidade dos modos de sermos conosco mesmos e com os outros em nosso existir e co-existir cotidianos.

O Amor nos escapa; transgride e transborda as medidas geométricas, a ordem do cálculo, os modelos e posturas formatados pelas leis mecânicas da retilineidade. Ele desinstala e desestrutura os estatutos da precisão atinentes às lógicas funcionais. Em seus Sentidos mais vastos, só pode ser melhor traduzido nas vertentes da imprecisão, do incalculável; é irreduzível às formalidades e às univocidades das lógicas instrumentais. Como afirma uma expressão popular: *A medida do amor é um amor sem medida*. O Amor pode ser bem traduzido nas imagens de um fractal, nos recurvamentos de sua configuração disforme e caleidoscópica. Ele se enreda e se deslança pelos flancos da infabilidade, do incontornável; estrutura-se mediante os dispositivos de uma polilógica, de uma lógica aberta, transversal, que implica na compreensão dos vãos e dos desvãos do existir humano.

Kovadloff (2003, p. 168) debulha:

O amor convida para o imponderável que basicamente somos através da aceitação do imponderável que nos enamora. O amor responde a um olhar mais radical do que o da nossa cons-

ciência subjetiva e se decide por uma pessoa mais fundamental que a de nossas predileções voluntárias.

Com sua imponderabilidade, o Amor não se traduz apenas na manifestação de sentimentos; se estrutura mediante o jorrar das afecções (emoções e sentimentos), da intuição e da consciência compreensiva no que se refere aos recônditos de sua radicalidade, de seu fundo sem fundo. Portanto, pressupõe o feixe dos sentimentos, mas, também, e de modo entrecruzado, do pensar meditativo, do pensamento espiritualoso. É a força originária e magnética do amálgama que interliga o sentimento e a consciência do amoroso que robustece a condição humana naquilo que ela possui de mais grandioso e sublime no arco de sua nobreza e fineza.

O Amor como fulcro seminal, fonte oceânica e força motriz

Na odisseia do existir e do co-existir humanos, o Amor é um fulcro seminal, uma fonte primordial que, inesgotavelmente, inspira, nutre e viceja com o substrato de seu elã vital. Ele nos vivifica e nos entrelaça conosco mesmos e com os outros, no dinamismo da trama das relações intersubjetivas. Morin (2002, p. 146) anuncia: “O amor vem de uma inacreditável força de vida que transfigura a vida”, de uma força enigmática e invisível que, com suas potencialidades, infunde vigor e

robustez ao existir e ao co-existir. Ortiz-Osés (2003, p. 104) proclama que “Na experiência humana é o amor quem funda o ser enquanto faz ser [...] amor como fundação ou co-implicação do próprio fundamento do ser”. A compleição do existir humano se consubstancia, visceralmente, desde o núcleo irradiante do Amor.

Ortega y Gasset (1959, p. 126) arremata: “O amor é um ímpeto que emerge do mais subterrâneo de nossa pessoa, e ao chegar à face visível da vida arrasta em aluvião algas e conchas do abismo interior”. O Amor se insurge como magma subterrâneo que impulsiona as ondas impetuosas do viver, como estado de rebelião de nossos sentires e paixões que nos comovem e que atravessam nossos abismos internos.

Referindo-se a Marx, Gurméndez (1985, p. 60) considera o “[...] amor como afirmação ontológica do ser humano concreto”, como núcleo estruturante que dá fecundez ao *húmus* do existir e do co-existir humanos em seus meandros mais vastos e fundos, com suas preciosidades e magnitudes. A fecundez do Amor se revela nos sentimentos e valores da solidariedade e da cooperação, da compaixão e da amizade, da generosidade e da abertura, da *fraternura* e da sinergia interligante. Ele é implicativo e coimplicativo ao nos implicar sinergicamente uns com os outros no dinamismo dos processos de compartilhamentos. É o centro irradiante que plasma e acende as centelhas do divino no humano, que impulsiona nossa querência afetiva e cordial na fineza de um abraço que

nos entrelaça no humano singelo. O Amor é raiz que, com a força de sua seiva, dá vigor e faz verdejar a árvore do humano. Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 46) afirmam que o Amor “é a pulsão fundamental do ser, a libido que impele toda a existência a se realizar na ação”. É pulsão seminal e, portanto, germinal que engravida e faz rebentar o broto da vida com as intensidades de sua exuberância.

“O amor é um impulso vital, sensível, emotivo, sensual, apaixonado e, ao mesmo tempo, uma criação do homem, de sua imaginação, de seu pensamento, de sua atividade espiritual”. (GURMÉNDEZ, 1985, p. 67) O Amor é esse impulso vital que infunde a energia criadora que mobiliza o ser humano em suas proezas, tingindo-as de paixão, de imaginação, de inteligência e de espiritualidade. No deambular dessas proezas nos criamos e nos recriamos contínua e descontinuamente.

É através da teia do sentimento e da consciência do amoroso que cada indivíduo se dispõe e se abre para as relações de compartilhamentos com os outros. Partilhas que, movidas pela intensidade, abertura e despojamento do espírito amoroso, fazem despontar sensações de vigoramento e de contenteza supremada que renovam e vivificam a alma e o coração – a inteireza do ser.

Philippe (1999, p. 185) pontua: “O amor é fonte, ele brota, ele se retoma sem cessar”. E ainda: “O amor, como a vida, deve ser uma fonte; uma fonte não requer ser canalizada, mas

captada”. (PHILIPPE, 1999, p. 178) Dessa forma, como fonte oceânica de águas grandes e fundas, em seus sulcos incomensuráveis, o Amor é energia que não se esgota e que, incessantemente, está se retroalimentando e se renovando em seus fluxos alquímicos de transmutação. É fonte renascente no fundo sem fundo das nascentes abissais de nosso ser-sendo. Ortiz-Osés (2003, p. 104) pontei: “Na experiência humana é o amor quem funda o ser”. O Amor nos constitui, orgânica e espiritualmente. É urdido com a matéria da carne, da carnalidade do corpo, e, ao mesmo tempo, com o sopro vital do espírito, de modo coimplicado e complementar. Robustecemos como seres andróginos, imbuídos das potencialidades do masculino e do feminino, nos confins incontornáveis dos estados originários e originantes do existir.

Essa fonte originária e originante, que, potencialmente, jorra sem cessar, se dispõe para cada ser humano na singularidade própria de cada existir, nos encurvamentos dos meandros sutis da alma e do coração. Da fonte primordial do Amor, a vida emana com seu frescor virginal, com sua fecundez e pujança, nutrindo o corpo e o espírito de cada vivente que se dispõe a beber da vivacidade de suas águas alumbradas. Martinelli (1996, p. 18) arremata de modo lapidar: “O amor é energia inesgotável que move o mundo, os universos e os seres. É a força de criação, coesão e sustentação da vida. O amor é a energia de unidade e transformação”. Sem o fulcro da energia nutriz do amor a vida se desfigura,

se torna insustentável. A força motriz dessa energia originária nos *anima* e potencializa os processos cíclicos de afirmação e de transformação do viver.

Castro (2011, p. 302) proclama que “Amar é energia irradiante, a possibilidade de unidade de céu e terra, de masculino e feminino”. A radiância dessa energia potencializa o surgimento dos laços que interligam as instâncias diversas, que nos constituem humanamente como: masculino e feminino, dentro e fora, um e outro etc. E Castro (2011, p. 306) arremata: “Amar é deixar ser. [...] é a energia iluminadora e vitalizadora do solo fértil do desvelamento, crescimento e consumação do que somos, do nosso próprio”. Esses feixes de energia acendem o facho de nosso existir próprio e nos compõem para as travessias do co-existir.

A força motriz do Amor se re-vela nas camadas mais internas de nosso ser; nos impele e nos inspira para desafios árduos e intensos; nos conduz às metamorfoses que nos renovam e nos fazem brilhar com mais fulgor. Irradiados pelas centelhas do Amor, nos enredamos pelos rituais de encantação e de reencantação, que nos fazem celebrar as andanças, as passagens das sagas e dos enigmas da vida. Essa pulsão amorosa proporciona estados de mobilidade e de vertigem que retumbam em nossos recônditos.

Os feixes do Amor rebentam na carnalidade do corpo *animado* e alvorecem nos ciclos das estações do existir, do co-existir. Como manifestação do intangível, o Amor se tan-

gibiliza através da materialidade de nossas ações cotidianas. Gurméndez (1985, p. 20) declara que “Assim, o amor é resultado de uma atividade subjetiva, interior, mediata, e outra externa, possessiva e imediata. O amor se divide unitariamente em espírito e natureza. Porque é espiritual e, ao mesmo tempo, material”. O Amor, desse modo, com sua energia invisível, com o elã de sua espiritualidade, se visibiliza e se efetiva através das manifestações da materialidade de nossas ações encarnadas.

O *Ordo amoris*

Scheller (2014) projeta a ideia-força do *Ordo amoris* como estofo que plasma o universo, em que se tecem as tramas do humano, suas afecções, sua sensibilidade, seus valores, sua humanidade. Um “[...] *ordo amoris* que [...] se expressa em todos os seus movimentos”. (SCHELLER, 2014, p. 3) Esse plano, essa esfera do Amor perfaz os fluxos em que gravitam o dinamismo dos ciclos do existir, com seus (entre) movimentos de ordem e de desordem, que se descortinam, sobretudo, na cadência do tempo *kairós*, do tempo qualitativo, existencial. Scheller (2014, p. 7) fala das “manifestações vitais [...] da disposição anímica” que caracteriza a ordem do Amor no constelar do devir humano. Maffesoli (2014, p. 8) fala desse “[...] *ordo amoris* que, sempre e de novo, repete o poder do amor que, sempre e de novo, repete o poder da

vida”, como eterno retorno do elã do amoroso em seus renovamentos constantes.

Para Scheller (2014, p. 14, grifos do autor), “[...] o amor é sempre o *despertador do conhecimento e do querer* – sim, a mãe do espírito e da própria razão”. O conhecimento e o querer humanos são impelidos pela força movente do Amor que nos conduz aos desafios das travessias. “O amor ama e vislumbra no amar sempre algo *mais* do que aquilo que ele tem nas mãos ou possui. O impulso que o desencadeia pode cansar-se – mas o amor não se fadiga”. (SCHELLER, 2014, p. 17, grifo do autor) Diante das intempéries das sagas humanas, o espírito combativo do Amor resiste – reexiste – aos percalços e às perseguições, às tempestades e desolações, como também às tentações de desânimo em suas buscas e perspectivas sem fim. Assim, prossegue com tenacidade as sendas de suas trilhas, movido pela crença e pela fecundez de seus valores altaneiros.

Nessa *itinerrância, combatendo o bom combate*, o espírito de águia do Amor enfrenta contratempos, atmosferas conturbadas; cai muitas vezes. Porém, quando cultivado com afinco, se retroalimenta e retoma suas forças originárias; se levanta fortalecido e redivivo com seu espírito aventureiro na imensidão dos vales. Desse modo, o Amor insufla nossos sonhos envidando novas perspectivas, novos modos de ser e de estar sendo. Supõe mutação e reinvenção permanentes;

nos conduz aos horizontes da dignidade e da boniteza em que as qualidades de nosso ser se plasmam com magnitude.

A radicalidade, as metamorfoses do Amor

O Amor traduz uma experiência/vivência de radicalidade. Ou seja, para vivenciarmos o exercício do Amor, com sua vastidão de matizes, carece de que sejamos radicais, de que desçamos até às raízes dos fenômenos do existir, e que, assim, não fiquemos apenas nas folhas, na superfície; de que tenhamos enraizamento, firmeza; de que sejamos verdadeiros, transparentes. A iniciação amorosa, não rima com a hipocrisia e a superficialidade, a covardia e o cinismo. Lembrando e parodiando uma metáfora da tradição cristã, *o Amor não pode ser frio, nem morno*, ele precisa ser quente e intenso revelando altivez. Não existe meio Amor, uma parte de Amor. Ele é exigente, pressupõe inteireza, na incompletude de nossa condição de humanos. Por isso, o Amor implica em radicalidade. Obviamente que, em nossa condição de inacabamento e de imperfectude, podemos estar eternamente nos aprimorando, nos aprendendo e nos tornando melhores.

Castro (2011, p. 304) assevera que “Todo amar é sem finalidade, pois tem em si mesmo o seu fim, isto é, sua própria realização e consumação. Mistério. É a renúncia mais radical, proveniente de um saber radical, estranho”. O Amor, como constitutivo ontológico, é magmático. Ou seja, é fulcro irra-

diante que, como enigma, emana das entranhas mais fundas e vastas do humano, tendo como fim último sua própria realização radical no estofo das ações humanas imbuídas de coragem e de encantamento.

O Amor, em sua sustentabilidade insustentável, se traduz no movimento dançante das metamorfoses do devir que anunciam a transitoriedade do viver e que nos impulsionam às constantes transformações, mediante os desafios dos processos in-tensivos, que levam à afinação de nosso espírito encarnado. Essas metamorfoses são operadas na conflitância criadora entre unidade e diversidade, nas transversais de nossas andanças tingidas de luzes e sombras, de exultâncias e angústias. Marimón e Vilarrasa (2014, p. 26) afirmam que “O amor é um conglomerado dinâmico e mutável de sentimentos, no qual há alguns elementos que permanecem e outros que se transformam”. Os processos de transformação, as metamorfoses do existir são marcadas pela presença das permanências e das mudanças atinentes aos influxos do humano. Assim, todo novo traz, em seu cerne, elementos do velho, qualidades que se recriam e se renovam.

Gurméndez (1985, p. 14) assevera que “Dentro do amor, vamos caminhando de um mundo conhecido a outro insuspeitado, vivendo entre sombras luminosas e luzes sombrias”. Como caminheiro, o Amor flecha os horizontes do lusco-fusco, atravessando os confins de nossas ambivalências, na cadência sinuosa de suas metamorfoses.

A lógica da inclusividade, a terceira margem

O Amor opera a ruptura das lógicas exclusivistas, com seus mecanismos excludentes e separatistas, e se instaura mediante as lógicas inclusivas e implicativas que aproximam e interligam as instâncias diversas e opostas. (WUNENBURGER, 1990; NICOLESCU, 1999) Coexistimos por meio da simpatia e da empatia em que o coração despojado, eivado do sentimento de cordialidade e de ternura, se abre e se inclina para acolher o outro em sua alteridade singular. Inclusive o próprio outro de si mesmo, a alteridade instalada na inteireza da complexidade do ser de cada um de nós.

O Amor não retém nem represa, se espraia nos fluxos ondeantes do leito aberto de seus rios; se desliza escorrente nos desvãos de sua terceira margem. Terceira margem como espaço invisível e vazio que, in-tensivamente, possibilita o entrelaçamento dos diferentes, dos contrários, mediante o elo de sinergia amorosa que nos constela pelos confins do anímico operando o entrecruzamento entre o tangível e o intangível.

Os fluxos impetuosos e mansos do rio do Amor não se represam nem se abatem, nem se reduzem aos limites de suas margens físicas. Como vimos, estes fluxos desafiam as intempéries das travessias. Singram irreverentes os rumos de sua destinação nos flancos abertos da terceira margem: se desbordam na infinitude do oceano como torrentes de vida em abundância.

A unicidade, os valores humanos

A sinergia do amoroso nos abre e nos aproxima de nós mesmos e dos outros no reconhecimento da singularidade e da preciosidade incontornável de cada um. Assim, o Amor nos compele à unicidade, ao encontro com os diferentes, com os quais nos complementamos diante da incompletude de nossa inteireza humana. Unicidade que não se traduz em unidade abstrata, nem em uniformidade, mas na possibilidade de, como seres humanos, compartilharmos momentos e ações comuns na cadência da dialogia entre os diversos. Podemos aprender a compartilhar e a caminhar juntos, na in-tensidade dos desafios dessas difíceis relações com as diferenças. Diferenças que, quando bem conduzidas, nos enriquecem pelas jornadas sinuosas que nos fazem crescer e expandir.

Marimón e Vilarrosa (2014, p. 150) asseveram que

O ser humano precisa de intercâmbio e colaboração ('labora com') com outros seres humanos. [...] Esse desejo de proximidade cognitivo-emocional com outros seres humanos é consubstancial à nossa existência. Necessitamos da empatia para sentir que vivemos intensamente.

Assim, nossa existência singular carece, de modo primordial, da existência dos outros, mediante os laços de complementaridade e dos fluxos de coexistência para que possamos viver intensamente. Nas prozas do devir, podemos aprender

a ser melhores uns com os outros, afinando o instrumento de nossas vidas para que possamos, no aqui-agora, contribuir com nossas peculiaridades na composição da *harmonia conflitual* da sinfonia cósmica. Como ponteia o grupo Legião Urbana (1995) em sua canção: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade não há”. O que existe, efetivamente, de modo mais tangível, é a concretude do momento presente, que, portanto, nos convoca e desafia para experimentá-lo mediante a gravitação dos limites e possibilidades de nossas ações.

Destarte, a ação amorosa implica no vivenciar intensamente, no coração de cada momento, a qualidade dos valores humanos da solidariedade, da equidade, da liberdade, da generosidade, da honestidade, entre outros tantos. Amar implica, necessariamente, no cuidado para com a relação de cada um de nós consigo mesmo e com os outros no exercício zeloso com o respeito, com a responsabilidade, com a justiça, com a compaixão..., enfim, com os repertórios que perfazem a dignidade que consagra a magnitude do humano. Lévinas (1997, p. 148) pontua que “A justiça brota do amor. [...] O amor deve sempre vigiar a justiça”. Ou seja, o exercício da justiça, da equidade, em última instância, implica no desvelo para com a presença e a vivência do Amor.

Philippe (1998, p. 23) afirma que “O amor ultrapassa tudo o que se pode dizer dele, porque o que se diz dele não é mais o amor. O amor é inefável. Só o conhecemos plenamente,

vivendo ele”. O sentido primordial do Amor está no buscar vivenciá-lo através do cuidado com os valores humanos nas aprendizagens das proezas cotidianas, através de nossas relações conosco mesmos e com os outros, na intensidade de cada momento presente. O passado já não existe mais – a não ser como repertório de memórias e de sabedorias inspiradoras – e o futuro ainda não começou. A atitude sábia nos exorta a sorver, a cuidar, a cultuar e a cultivar o Amor na espessura candente, na oportunidade única do aqui-agora – do *carpe diem*, do tempo qualitativo, vivencial (*kairós*).

A potência irradiante do Amor

Morais (2003, p. 9, grifo do autor) debulha sobre a qualidade fina do “*impulso-amor* que devolve poesia a cada instante do viver e faz os homens estenderem as mãos uns com os outros na celebração do companheirismo solidário”. Como expressão de despojamento e de sinergia, o Amor, em sua gratuidade e intensidade, cresce e se expande em cada um de nós, na proporção em que nos despojamos para amar a nós mesmos e aos outros na concretude das pequenas ações contingentes. Ao expressar Amor para com os outros, expandimos e burilamos sua presença exuberante dentro de nós. Johnson (1987, p. 268) arremata: “O que mais necessitamos não é tanto sermos amados, mas sim amar”. Quanto mais partilharmos e irradiamos Amor, mais dele nos contagiamos e con-

tagiamos os outros, mais o fortalecemos e o renovamos em nosso espírito e coração. Sua chama vívida e renovadora nos faz radiantes e redivivos.

O Amor é um sábio tecelão que une os fios da diversidade humana ao entretecer a teia das estampas multicores da fraternização, da *eco-fraternização*, em que compartilhamos com os outros seres, humanos e não humanos, a magnitude dos sentimentos mais fundos, dos núcleos primordiais da condição humana.

“O amor é o deus interior que abre nossos olhos cegos para a beleza, o valor e as qualidades da outra pessoa”. (JOHNSON, 1987, p. 255) Não apenas a beleza da outra pessoa, como também a beleza que pode despontar de nós mesmos. Conseguimos perceber e sentir a beleza do outro, através de nosso senso de abertura amorosa, na proporção em que nos encontramos com nossa própria beleza, o que implica também em compreender nossas próprias *feiezas* como seres imbuídos de ambiguidades e ambivalências.

A potência irradiante do Amor se plasma no seio das fragilidades e imperfectudes de nossa condição demasiadamente humana. Campbell ([19--], p. 136) realça que “A perfeição na vida não existe; e se existisse, não suscitaria amor, mesmo que fosse admirável, possivelmente seria até mesmo um tédio”. Nas texturas de seus paradoxos e enigmas o Amor emerge desde nossos estados de imperfectudes. É mediante nossa condição de imperfeição que este se insurge e

se sedimenta nos inspirando nos compassos dos desafios de nossas *itinerrâncias*, nas buscas dos Sentidos primordiais do existir. E Campbell ([19--], p. 136-137) arremata: “[...] o que, com relação a qualquer ser humano, nos inspira amor, são precisamente suas imperfeições”.

O estado poético do Amor

Quando deixamos o deus do Amor dançar dentro de nós, passamos a olhar, sentir e vivenciar o mundo com mais vivacidade e intensidade. O entusiasmo, a disposição, a vibração energética, a delicadeza, a força e a sensibilidade do Amor nos permitem expandir e burilar nossos sentires e nossa consciência compreensiva para contemplarmos e fruirmos a beleza e a plasticidade das coisas (de nós mesmos, dos outros, dos fenômenos, da natureza...); para atingirmos o estado poético, a poeticidade da vida, do mundo. Estado poético como estado de espanto e de admiração, de abertura e de despojamento existencial. O impulso vital que se deriva desse estado de Amor alumbra corpo e alma; dá gosto ao viver no sentido de degustar, de experimentar as intensidades da vida.

O Amor é penetrante ao flechar a nervura interna do existir nos atravessando por dentro, provocando espantamentos e arrepios. Castro (2011, p. 320) declara que “Amar não é uma questão de impulso cego. É a tranquila disponibilidade e disposição para se deixar tomar pela perplexidade de todo

espanto. Amar é sempre ser tomado pelo espanto.” Os espantos do Amor nos dispõem aos estados de perplexidade, nos comovem e impelem aos feitos extraordinários.

Como pontua Morin (1998, p. 9): “O amor faz parte da poesia da vida [...] O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida”. O Amor é expressão poética plasmada pela afinação do espírito de fineza que faz resplandecer a elegância do bem e a magia do belo; a ternura macia do coração e o vigor luminoso do espírito. A poeticidade do Amor desponta com a ressonância sutil e penetrante de seus sons e silêncios que bordam os enigmas de nosso ser-sendo projetando estampas crepusculares.

Com seus matizes mitopoéticos, ao interligar os tons das imagens míticas e o admirável do estado poético, o Amor se revela, em suas dimensões mais fundas e transversais, através da polifonia dos símbolos que constituem nosso inconsciente coletivo, nossos imaginários. Símbolos que, com a plasticidade e a policromia de suas miragens míticas, traduzem a poeticidade dos sentires, valores e crenças que mobilizam e *animam* nosso existir, que inspiram nossa imaginação e espírito criantes.

Os impulsos da paixão

O Amor não se confina à esfera do *pathos*, da paixão. Esta se projeta, nas intensidades de sua imediatez, como as chamas

da fogueira; revela-se nos impulsos das lufadas de seus ventos. O Amor supõe enraizamento, densidade e profundidade. Porém, sem as chamas da paixão, este se desvanece. Como afirma Gurméndez (1985, p. 58), “Sem a ação da paixão o amor permanece inerte, desmaiado, como uma mera promessa de realidade”. Os fluxos moventes da paixão impulsionam, insuflam e renovam o elã vital do Amor, mantêm vivo e redivivo seu fulcro seminal.

O Amor está em permanente mobilidade, entre momentos de serenamento, de tensão e de procura. “Nos faz ser desejo intenso de nos religar ao belo, ao bem não possuído e, ao mesmo tempo, plenitude, posse plena” (PHILIPPE, 1999, p. 47); é fonte inspiradora das buscas que nos conduzem ao mais profundo e íntimo de nosso ser, à procura do bem e do belo, do que nos plenifica e felicita, nas flutuações de cada momento, através da tortuosidade das trilhas e das encruzilhadas que perfazem o existir.

Sabemos que, em nossas precariedades humanas, os estados de plenitude e de felicidade são também intercalados com estados de vaziez e de angústias como influxos rítmicos e complementares de nossos existires. E é, sobretudo, essa relação de alternância e de complementaridade entre plenitude e vaziez, felicidade e angústia que dá Sentido e ritmo à complexidade desses existires.

O estado brincante do Amor

No dinamismo de sua plasticidade e abertura, o Amor é brincante e travesso; se dobra e se desdobra, com seu impulso e seu espírito lúdicos, revelando despojamento e espontaneidade, leveza e gratuidade. Como saltimbanco, o Amor desponta saltitante e brejeiro, com seu riso largo e desmesurado, florescendo nosso ser gracioso. O Amor, em seus estados de despojamento e de gratuidade, revela-se nas estripulias do brincar festivo de uma criança que, no jogo faceiro de suas cambalhotas, na leveza da dança de seu estado de pipa, celebra o gozo desembestado do viver intensamente.

O Amor rima com humor, com espírito lúdico, com senso de alegria; rompe com a carrancudez e a pesura do siso e se derrama na delicadeza e na leveza do riso; desconserta e desinstala o estado de fixidez e de hostilidade. O jogo despojado do riso projeta a energia leve e doce do gracioso. O estado brincante do Amor nos torna fagueiros. A alquimia do riso formoso do Amor compele ao sentimento de simpatia e de empatia, provoca a floração do abraço que arrepia e enternece. O Amor entrecruza o lúdico e o lúcido, o brejeiro e o alumioso; a inteligência sensível e espirituosa.

O espírito lúdico do Amor nos leva a rirmos de nós mesmos diante de nossas pequenezas, de nossas mesquinhas e titubeios. Nesse estado de alma leve, ele nos abre para movimentos *corpomentais* de aprimoramento de nosso ser-estar

sendo com os outros. O estado de graça e de *animação* que o amoroso proporciona, com sua energia radiante, com seu riso festivo, nos faz celebrar a vida em ritos de encantação e de re-encantação. O estado brincante do Amor infunde a vibração do elã vital que nos encanteia nas proezas das travessuras.

Amar é perigar. Os fluxos tensoriais do Amor

Como força mediadora que se instaura na teia das relações, no *entre* – cada um consigo mesmo e com os outros –, a presença do Amor supõe desafios, riscos, aventuras e mutações constantes. Para amarmos com intensidade, carece de termos coragem, muita paixão pela vida para nos arremessarmos nas curvas de suas sagas, nos horizontes do desconhecido e do inesperado. Como ecoa a canção: “O medo de amar é o medo de ser”. (GUEDES, 1987) Ser é tornar-se, é estar-sendo nas vicissitudes dos riscos, nos fluxos cambiantes e indeterminados das jornadas do existir.

A vivência do Amor, na nervura do cotidiano, supõe momentos tensivos de dores que podem se traduzir em experiências impulsionadoras dos processos de crescimento, de partejamento do novo. Sem as pulsões, os impulsos das dores, dos conflitos, das tensões, não podemos parir, nos reparir, nos renovar e nos transformar. Assim, a dor se manifesta como experiência inerente à nossa condição humana, como momento que anuncia e impulsiona às passagens, às mutações pertinen-

tes nos processos das metamorfoses; como expressão de conflitos que nos desafiam, que nos alertam e convocam para a necessidade de alterações que precisam ser operadas na textura de nossa condição biopsicocultural. É uma manifestação que tende a ser passageira, mas que, se não for bem cuidada, pode incidir em sofrimento represado.

Portanto, o Amor implica em voragens; também se nutre e se descortina, mediante a presença dos rasgos e conflitos, dos momentos críticos que nos desafiam e nos interpelam nas deambulações das travessias. A tensividade dos conflitos pode se constituir em adubo germinal que, na proporção em que nos dis-pomos, em que nos abrimos para esses desafios, podemos operar as mutações que nos revigoram e robustecem. As dores desses conflitos são como as dores do parto que desinstalam e perturbam, mas que também fazem irromper a emergência do novo, das mutações que levam ao lapidar do espírito e do coração proporcionando processos in-tensivos de afirmação e de renovação do existir. Amar é perigar pelas sendas vesgas das trilhas incertas ao abraçarmos, com despreendimento, as trepidações dos riscos, dos fluxos tensoriais para que, com eles, possamos burilar as pérolas do espírito e do coração. Fromm (1971, p. 136) assevera que:

O amor só é possível se duas pessoas se comunicam mutuamente a partir do centro de suas existências e, portanto, se cada uma se experimenta a partir do centro de sua própria existência. [...]

o amor é um desafio constante; não é um lugar de repouso, mas é mover-se, crescer, trabalhar juntamente.

O Amor só pode se revelar desde o centro do existir de cada um de nós, da disposição de nossas subjetividades, para que possa ser manifestado para os outros mediante os influxos dos desafios constantes que perfazem as relações intersubjetivas. Para May (1973, p. 110), “[...] angústia e alegria, ansiedade e a maravilha do nascimento – tais são a trama e a urdidura que tecem o amor humano”. Trama que processa a alquimia que entrelaça dor e prazer nos partejamentos do amoroso.

O Amor é atravessado pela força movente dos fluxos do *daimon* (MAY, 1973) como tradução dos impulsos de inquietude, de tensionamento; como fluxos internos que potencializam a expressão do espírito audacioso e criante que leva aos combates altruístas.

Imanência e transcendência

O espírito do Amor tem asas de aventureiro, aspira e transita pelos voos mais altos e insaciáveis. Amar implica em processos de abertura e de procura permanente de superação dos apegos que, como vimos, fecham, asfixiam e aprisionam. O Amor carece de cheiúra e de vazio. Enche-se e esvaizia-se constantemente para que, assim, prossiga seu destino de andarilho, em seus ciclos de eterna mutação. Como nos

fala Philippe (1999, p. 46): “O amor é desejo”. Desejo que, ao se saciar, se desmancha e se ergue novamente nas aventuras de novos itinerários e Sentidos. “O prazer é satisfeito, mas o amor, jamais”. (PHILIPPE, 1999, p. 47) O amor atravessa a imanência da nervura do prazer e não se reduz a este, se projeta no arco da transcendência que ultrapassa sua imediaticidade e nos lança no horizonte dos Sentidos vastos do humano.

Ferry (2012, p. 202) anuncia que “[...] o amor não é possível sem uma relação com o outro, que revela, em sentido amplo, um irreprimível sentimento de transcendência”, na proporção em que me lanço nos arcos do mistério que me convocam e me fazem entrelaçar com o outro. E Philippe (1999, p. 14) arremata: “O amor verdadeiro é, realmente, aquilo que há de maior no homem; é o que lhe permite ultrapassar-se a si mesmo, na descoberta do outro, ir mais longe no desabrochar de todas as suas riquezas”. Esse Amor verdadeiro nos faz desafiar e ultrapassar nossos limites visíveis, deslocarmos-nos de nós mesmos para atingir o intangível, a terceira margem do encontro com o outro no garimpar das riquezas que nos inter-humanizam.

O autoconhecimento, a sabedoria e a loucura

A experiência visceral do Amor conduz ao exercício do autoconhecimento, da autodisciplina, do autocuidado, da afirmação do si próprio e da autoestima de cada um de nós. Jaspers

(19-- , p. 117) realça que “É no amor que somos realmente nós mesmos”. Ao cuidarmos do autoconhecimento, escutamos a nós mesmos, percebemos nossos limites e possibilidades, e, assim, afirmamos e cultivamos nossa centralidade e enraizamento próprio, nossa subjetividade. Desse modo, podemos dialogar com altivez e compartilhar com os outros nas teias e desafios do ser-sendo-com. Essa centralidade nos dispõe com firmeza para as trocas e os entrecruzamentos afirmando a máxima do *amar ao próximo com a si mesmo*. Amor próprio que, assim, vai além dos narcisismos inflados que redundam nos individualismos asfixiantes. Amor próprio que revela o zelo, a liberdade interior, a atenção, o cuidado consigo mesmo e com os outros; que se traduz em altruísmo.

Como desborda Morin (1998, p. 9): “Amor, sabedoria e loucura não apenas são inseparáveis, mas se interpenetram mutuamente”. Para ele, o Amor “é o ápice da união entre loucura e sabedoria”. (MORIN, 1998, p. 28) É necessário o germe transgressivo e criante da loucura – compreendendo loucura como subversão inteligente dos padrões da normalidade instituída que forja *normóticos* – que se expressa no vigor da sensibilidade e da imaginação, das potencialidades criantes e transgressoras de cada um de nós, para que o Amor se manifeste com sua irreverência e seu espírito altaneiro.

Como assevera Maffesoli (2014, p. 204), o Amor é uma “[...] sabedoria libertária” como expressão transgressiva que implica em ruptura das leis e padrões que denegam e comprimem

a vida, a fruição de seus Sentidos primordiais. Como fonte de sabedoria, o Amor nos conduz às buscas do bem da Ética (da dignidade) e do belo da Estética (da boniteza) como instâncias estruturantes da inteireza do humano em sua incompletude permanente.

A sabedoria se revela no Amor, mediante as in-tensidades das experiências vividas, nas buscas incessantes que podemos envidar, vislumbrando o cuidado com os valores humanos primordiais que plasmam nosso ser-sendo-com; no aprimoramento de nosso jeito de caminhar, de nosso modo de nos conduzirmos, de estarmos sendo aprendentes e coaprendentes no mundo; na lapidação do espírito de fineza. Sabedoria e loucura, portanto, são instâncias interdependentes e complementares na química do Amor. Morin (2000, p. 139) acentua que “O verdadeiro amor alimenta uma dialógica sempre viva na qual sabedoria e loucura se geram reciprocamente”. Para que o Amor se instale com sua pujança, é necessário a irreverência do espírito de aventura das águias, bem como o desvelo do espírito de maestria e de delicadeza das borboletas na condução dos compassos de cada jornada.

A abertura, a cooperação, a coragem

A expressão do Amor mais intenso se torna possível quando existe abertura vasta de mente (pensamento) e de coração (sentimento). Abertura para consigo mesmo e para

com os outros nos fluxos dinâmicos das proezas do vivido. Abertura para as mutações que dão ritmo às sagas do viver, para os diálogos com as diferenças que alargam e enriquecem, que desafiam e enobrecem. Abertura para a compreensão e a aceitação de nossos limites e fragilidades nos influxos de cada momento, bem como no reconhecimento de nossas possibilidades e de nossas forças. Como vimos, amar implica na compreensão das diferenças, mas, sobretudo, implica em buscar os elos das semelhanças que nos aproximam e fraternizam como copertinentes à mesma raça humana.

Maturana (1997, p. 184) afirma:

O amor é a condição dinâmica espontânea de aceitação, por um sistema vivo, de sua existência com o outro (ou outros) sistema(s) vivo(s) [...] é um encaixe dinâmico recíproco e espontâneo [...] é fonte de socialização humana. [...] o amor é o fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele, [...] os fenômenos sociais, em um domínio qualquer de interações, duram somente enquanto o amor persistir nesse domínio.

É o amálgama do Amor que dá substância e sustentabilidade aos fenômenos sociais, que dinamiza e dá seiva às ações que perfazem as relações sociais como formas de convivência e de incrementação das trocas simbólicas e materiais entre os sujeitos humanos.

Para Marimón e Vilarrosa (2014, p. 35):

O amor, tal como o concebemos, – uma forma de cooperação solidária entre indivíduos –, é uma propriedade da vida e está indissolivelmente ligado a ela que podemos afirmar que, sem essa cooperação, a vida não haveria ultrapassado o estado bacteriano, e, sem dúvida, não teria evoluído nem adquirido os níveis de complexidade que podemos observar atualmente.

Diversas pesquisas apontadas por essas autoras afirmam que desde o estado mais ínfimo e elementar da condição bacteriana os viventes exercitaram a cooperação nos seus processos de afirmação e de expansão da vida. “A cooperação é aquilo que torna possível a vida graças a diversas formas de associação solidária”. (MARIMÓN; VILARROSA, 2014, p. 35) Foi mediante as tecelagens das teias de relações inspiradas na solidariedade que os seres vivos foram se constituindo e se instalando no mundo. E estas autoras arrematam: “Os atos de cooperação solidária levam à conservação, manutenção e expansão da vida sobre nosso planeta desde o início da própria vida”. (MARIMÓN; VILARROSA, 2014, p. 47) Portanto, o fenômeno vida, para se afirmar e subsistir, para se manter e se renovar, carece, visceralmente, dos vínculos de cooperação solidária, da energia vivificadora e agregadora do impulso vital do Amor.

O Amor é um estado de não indiferença. A escuta sensível do amor nos interpela para a solicitude, para a empatia, para a generosidade; para partilhar com os outros os sentimentos de tristeza e de alegria, de dor e de prazer; conduz à lapidação da sensibilidade humana para a escuta, para a atenção e o cuidado desveloso com as coisas humanas (e não humanas). Ao nos interpelar para os desafios que o cotidiano nos apresenta, o Amor nos leva a tomar posições corajosas em favor da vida, de afirmação da vida, das vidas. Desinstala as estruturas mais enrijecidas e fixas com sua força germinal e semovente; é alterativo ao implicar em alterações constantes que renovam e vivificam.

O Amor emana das entranhas de nosso coração, de nossa sensibilidade, e se sedimenta com a fibra da ação corajosa e com a cordialidade doce da ternura. Covardia não rima com Amor. Carece de ter muita coragem e delicadeza para transitar nessas searas. A palavra coração supõe a presença da cor acesa da coragem no compasso da ação imbuída de ternura. A cor rubra atribuída ao Amor parece traduzir, de modo expressivo, seu espírito guerreiro, sua audácia e irreverência, seu estado de rebelião.

As flamas do amoroso

Em sua expressão mais originária, o Amor, o estado amoroso, se revela como chama incandescente que acende as silhuetas que dão vivacidade e alumbramento ao humano. Faz reluzir a

estrela que habita em cada indivíduo singular na expressão de sua luz própria. Swimme (1991, p. 43) debulha que “O amor inflama o ser”, infunde as flamas que lampejam e dão intensidade ao existir, ao co-existir. O Amor é brilho que se manifesta, ora como sol, ora como lua. Ele é *solunar*. Ora mais intenso e irreverente, ora mais suave e doce. Ora mais ardente e agudo, ora mais sereno e leve. Assim, o Amor também apresenta características crepusculares ao entretecer a diversidade dos tons do sol e da lua em momentos singulares de fruição da inteireza do humano. Urde as estampas do arco-íris, como também, alternadamente, os matizes da penumbra.

As chamadas do Amor atravessam o profano e o sagrado da vida, irradiam as centelhas do divino que habitam no universo íntimo e enigmático de cada ser fazendo o humano reluzir no estado profano de sua própria divindade. Os lampejos do Amor, ao estamparem nosso sol e nossa lua, nossas clareiras e penumbras, acendem as paixões que nos impelem ao extraordinário, às aventuras audaciosas e altaneiras. Swimme (1991, p. 51) proclama:

Tudo o que fazemos é para encantar os outros. É para inflamar a vida, para evocar a presença, para dinamizar o deslumbramento do ser. Tudo isso é a verdadeira natureza do amor. [...] o amor é a atividade que dá origem ao ser, que torna mais intensa a vida.

Obviamente que esse “tudo o que fazemos” refere-se às ações eivadas do senso amoroso, do espírito altruístico. A al-

químia do Amor opera em nós um magnetismo que atravessa o âmago de nosso ser insuflando feixes de intensidades e ressonâncias que irradiam a nós mesmos e aos outros. Fromm (1971, p. 54-55) pondera que “No ato de amar, de dar-me, no ato de penetrar a outra pessoa, encontro-me, descubro-me, descobrimos a ambos, descubro o homem”. Quanto mais amo, encontro-me melhor com minha subjetividade, mais cultivo minha humanidade e melhor descubro a humanidade dos outros, mais projeto as flamas da amorosidade.

A clandestinação do amor nômade.

O caos e o cosmos

O Amor é movente na intensidade de seus fluxos curvos e transversais. Morin (1998, p. 23) realça que “O amor é filho de ciganos”. É nômade e bandoleiro em suas errâncias e aprendizagens pelas *itinerrâncias* das sagas do existir humano. Diante dos determinismos e fixismos, dos formatos e padrões ordeiros e aprisionantes que são interpostos em nosso cotidiano, o Amor se rebela como expressão do clandestino, nas transgressões de seu destinar libertário.

Na trajetória de sua movência, ele co-move espírito e corpo, alma e coração como instâncias necessariamente implicadas e interdependentes. O Amor é marcado por quietudes e inquietudes que se interpenetram e se complementam em seu destino de peregrino, de caminheiro – está sempre

a caminho pelos sulcos de suas sendas sinuosas. Nesse caminhar, ele procura, inventa, labuta, celebra, brinca e dança, mas, também se aquieta, descansa, silencia, se esvazia e adormece como momentos que perfazem os compassos de cada andança. O Amor é oblíquo, no descortinar de seus encurvamentos, e ubíquo ao nos envolver por inteiro com sua presença incontornável e penetrante.

É peculiar ao Amor transitar com plasticidade e desenvoltura entre as instâncias interligadas da ordem e da desordem, entre Caos e Cosmos – a *Caosmose*. (GUATTARI, 1992) Tecendo a mediação entre Caos e Cosmos, ele gera o movimento que provoca as mudanças e as transformações qualitativas em nosso viver. Nesse entre, o Amor se aloja e circula. Ele é ponte que interliga e guardião dos elos; ele é *êntrico*. Assim, ele é, também, agridoce ao entrecruzar o agreste, o bravio e a doçura, a terneza; lusco-fusco ao interligar, nas contingências do cotidiano, luzes e sombras, noites e dias, suscitando os assombros que nos co-movem.

O espírito de fineza, o cuidado

Os desvãos do Amor nos conduzem ao espírito de fineza, ao cuidado primoroso com as coisas grandes das sutilezas do humano. Cuidado que se traduz no desvelo de cada um para consigo mesmo e para com os outros seres humanos, bem como,

com os demais seres do universo/pluriverso; na atenção e na escuta fina dos movimentos e expressões dos fluxos tensoriais de cada ser e fenômeno. Um cuidado curante que, ao olhar, tocar, escutar, enfim, perceber e sentir com acolhimento, delicadeza e abertura, afirma, renova e vivifica o existir, o co-existir. A força inefável do Amor é curativa, terapêutica; revigora e esverdece a árvore ressequida dos espíritos fragilizados.

Heidegger (1997), inspirado numa fábula de Higino, realça a ideia de que o vocábulo cuidado origina-se do termo *homo* que vem de *húmus*: terra, fecundez. Nesse rumo, refere-se ao cuidar como “A condição existencial de possibilidade de ‘cuidado com a vida’ e ‘dedicação’ deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico”. (HEIDEGGER, 1997, p. 265) E Baumann (2004, p. 24) pontua que “O amor [...] é vontade de cuidar e preservar o objeto cuidado”. O Amor se processa, assim, como senso de cuidado desveloso que procura afirmar e fazer vigorar o ser, os seres que estão sendo cuidados.

Boff (1999, p. 91) anuncia que “Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato”. Cuidar de si, dos outros, das coisas implica em acolhê-los na cordialidade do espírito de fineza que nos faz estar em sintonia e envolvidos com os outros mediante os laços de compaixão e ternura.

A simplicidade, o despojamento, a gratuidade

O Amor se plasma, sobretudo, nos meandros da simplicidade, da delicadeza, das coisas simples e singelas da vida. Gurméndez (1985, p. 17) explicita “Assim, o amor tem sua gênese na prática mais simples da vida cotidiana”. Os estados de delicadeza e de simplicidade fazem emanar a gratuidade e a leveza, a ternura e a formosura do Amor. Morais (2003, p. 114) proclama que “Amar-nos é reconhecer nossas precariedades e fraquezas, querendo fazer o esforço de superação destas, perseguindo com tenacidade a renovação íntima que nos concederá irmos de lagartas a borboletas”. O Amor também se traduz na postura despojada da humildade que nos torna conscientes de nossas fragilidades, mas, também, de nossas forças e que, assim, nos mobiliza para os processos de aprendizagens e de mutações constantes em que podemos transitar nas metamorfoses que convertem as lagartas em borboletas.

O Amor é a expressão lídima da verdade – *aletheia* – na proporção em que se traduz em revelação, desvelamento e desnudamento, abertura e espontaneidade, manifestação livre dos sentimentos que estão no âmago de cada pessoa. O Amor cintila a gratuidade da inocência. É o estado do ser criança com o desprendimento de sua alma leve e solta. As máscaras e artifícios da mentira, da dissimulação e da má fé aprisionam, denegam e esgarçam o espírito amoroso. O Amor se manifesta

onde prevalece a limpidez, a sinceridade, o coração aberto e livre, a expressão da integridade do ser.

A fragilidade do Amor revela a grandeza do despojamento, do desaparego, da leveza, do desprendimento em que nosso ser, nossa condição humana, são afirmados em sua estrutura ontológica primordial. A gratuidade do sentimento amoroso exala a graça que torna cada indivíduo um ser gracioso, ponte entre terra e céu – *pontifex* –, entre divino e humano, entre finitude e infinitude.

O *Amor fati*

Nietzsche anuncia a ideia-força de um *Amor fati* como amor ao destino, aos influxos contingentes do destinar humano.

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor-fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. [...] E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2012, p. 187-188)

E também acentua:

Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor-fati*: não querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante do necessário –, mas amá-lo. (NIETZSCHE, 1985, p. 78)

Portanto, *Amor fati* como afirmação da tragicidade da vida, de seus imponderáveis e paradoxos; como forma de assumir o destino da saga humana, não de modo conformista e apático, mas compreendendo nossos limites e possibilidades, perspectivando uma postura aberta e afirmadora do suceder do existir, das desventuras e precariedades das contingências humanas, vislumbrando o viver intensamente. Bauman (2004, p. 21) acentua que “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas”. Portanto, amar como destinar-se à sublimidade e à transitoriedade do humano em seus tons de *tragicomicidade* como condição demasiadamente humana.

A androginia do Amor: coimplicação entre Logos e Eros

Como já avengei, em sua expressão de ser andrógino, o Amor agrega em si mesmo as polaridades interligadas do masculino e do feminino ao revelar sua condição de hibridez e de mediação entrecruzando essas características ambivalentes de

cada ser humano. Destarte, os traços mais racionais e analíticos que perfazem a externalidade e a linearidade, referentes ao lado esquerdo do cérebro humano e que demarcam as dimensões mais masculinas – o *yang* –, se relacionam coexistencialmente, de modo in-tensivo e complementar, com os aspectos mais intuitivos e sensíveis que perfazem a internalidade e a curvilinearidade referentes ao lado direito do cérebro humano e que configuram nuances mais femininas – o *yin*. (MARKERT, [19--])

Marimón e Vilarrasa (2014, p. 24) acentuam que

Uma vez que nosso cérebro funciona graças às conexões neurais produzidas nele continuamente, não podem existir sentimentos nem raciocínios isolados, mas ativamente inter-relacionados uns com os outros.

Desse modo, o Amor se estrutura a partir da relação de interligação dialógica entre as polaridades interpolares do pensamento e do sentimento. Mediante o senso de discernimento, de criticidade e de espirituosidade do pensamento meditativo e do campo das afecções, das sensações, das percepções sensíveis dos sentimentos, o Amor se processa e se projeta no existir humano, convertendo as monocromias em policromias, em suas tonalidades pregnantes e anímicas; traz cromaticidade ao viver.

A predominância, nas ações humanas, da presença isolada de um dos polos, do masculino ou do feminino, da razão ou

da paixão, incide em posturas que definham e mutilam. A inteligência humana, em seu sentido mais amplo, se traduz na expressão *intus legere* – ler de dentro. Portanto, a inteligência se exprime, em suas potencialidades fecundas, quando nutrida de intuição e de razão, de pensamento e de sentimento, do apolíneo e do dionisíaco, de Logos e de Eros. O Amor anima, aduba e expande o pensamento, as ideias para que as empreitadas sejam profícuas e altivas.

Leloup (2002b, p. 55) realça que “O amor sem a inteligência torna-nos infelizes”. Ele constela uma inteligência espiritualosa que envolve, conjuntamente, o pensar e o sentir, a razão e a intuição. Philippe (1998, p. 17) acentua que “O homem não progride em sua inteligência a não ser quando ele ama, sua inteligência não desperta a não ser na medida em que ela está possuída por um grande desejo”. Um Amor desinteligente nos emburrece e embrutece.

Os silêncios do Amor

O Amor também se projeta nos sopros e nas lufadas do silêncio. Ele traduz o silêncio das águas fundas da imensidão do oceano que murmura em sua superfície através do balanço impetuoso de suas ondas. Ondas que se tornam visíveis, através da materialidade de seus movimentos que revelam sua imponência, sua força, bem como, sua fragilidade. Desse modo, o Amor se constela nas formas expressivas do visível e nos desvãos de suas funduras invisíveis.

Como verseja a letra da canção de Lulu Santos e Nelson Mota: “Tudo que cala fala mais alto ao coração, silenciosamente eu te falo com paixão”. (NASCIMENTO, 1999) O Amor se instala de modo penetrante, na expressão inefável do silêncio que emana do lusco-fusco de um olhar, da graça de uma flor, da magia de um plenilúnio, do arrebol de uma aurora, da vertigem de um abraço, da ternura de uma criança.

Kovadloff (2003, p. 183) arremata que:

Ao amar, o homem se situa no mistério de seu fundamento. Deixa para trás as fronteiras do eu, para mergulhar em um ponto mais além de todo saber-se e poder se reconhecer. E a realidade desta experiência é, para quem é abrasado por ela, tão inquestionável enquanto vivência como inconcebível como ideia. Porque o amor conforma a derrota da palavra como negação do silêncio e, por sua vez, constitui o triunfo do silêncio como manifestação suprema da eloquência do inexprimível.

Com suas espessuras e plasticidades incontornáveis, o Amor nos precipita nos confins dos silêncios de seus abismos insondáveis; nos assombra nas dobras dos recônditos de seus labirintos. O Amor nos enrosca nos confins desses seus abismos nos arremessando nas entranhas de seus silêncios indecifráveis. Portanto, amo, logo, nos ermos de seus silêncios, (me) abismo!

A roda cíclica do Amor

O símbolo universal da roda, em suas múltiplas modalidades, revela de modo lapidar, os Sentidos do Amor, ao manifestar encontro e entrelaçamento de diversos, movimento, sinergia e compartilhamento. A roda girante do Amor, como roda viva e rediviva, entrecruza as instâncias opostas mediante a sinergia que interliga as diferenças no dinamismo e na cadência dos ciclos rítmicos das relações de coexistência; proporciona as in-tensidades dos processos de afirmação, de mutação e de transformação do viver. O fluxo de seus movimentos nos move e comove por inteiro. Gira o sol e a lua da odisseia humana nos ciclos de suas estações.

A força motriz e invisível do Amor, como matriz seminal e germinal, move e embala a roda do viver impelindo e dando ritmo ao existir de cada um de nós. Essa força enigmática se torna visível na materialidade girante de nossas atitudes amorosas, nas buscas e desafios que compõem a alquimia da condição humana em seus fluxos de sinergização e de transmutação. A qualidade da energia vital do Amor proporciona o movimento contínuo da roda cíclica do existir e do co-existir, mediante a cadência de suas rotações, que nos fazem renascer e renovar.

Em suas meditações sobre o Amor, Philippe (1998, p. 44) debulha: “O próprio do amor é poder sempre nascer”. A força enigmática do Amor implica em seu permanente renascimen-

to, na proporção em que ele é cultivado em seu núcleo motriz. Nos compassos de seus ritmos cambiantes, ele morre, com a penumbra do ocaso, se embrenha pelo breu da noite para renascer aurorescente com o frescor do orvalho que desvirgina a aurora. Assim, renasce luminoso e imponente, nas brumas do arrebol de cada amanhecer. O destino do Amor é o mesmo da Fênix. Morre para constantemente renascer de suas próprias cinzas. O magma de seu vigor seminal opera a alquimia dos processos mutacionais que entrecruzam vida e morte.

A dimensão utópica do Amor

O Amor é o fulcro que plasma e cromatiza de Sentidos a vida humana. Hesse ([19--], p. 95) proclama que “[...] só graças ao amor é que pode a vida encerrar algum sentido. Vale dizer: quanto mais dispostos estivermos a amar e a nos entregar ao amor, tanto mais plena de sentido será nossa vida”. São os enigmas e paradoxos do Amor que, de modo prenante e anímico, infundem Sentidos ao destinar aberto do existir e do coexistir humanos.

O Amor como urdidura estruturante de nossa condição de seres imanentes e transcendentais, se traduz no símbolo da utopia na proporção em que estamos enraizados na cepa da concretude tangível do aqui-agora, mas que, também, e de modo coimplicado, nos projetamos nos influxos do devir,

através dos sonhos, dos desejos, das reentrâncias do destinar; em que vislumbramos novos horizontes de destinação.

Furtado (2008, p. 96) declara que

[...] os homens que amam são visionários, de outros mundos, reinventores da felicidade perdida na monotonia dos dias de trabalho. São guardiões da idealidade, preservadores da utopia, porque o amor é transcendência de tudo aquilo que se supõe realizá-lo.

Os visionários e aventureiros que são comovidos pelo *pathos* do Amor estão constantemente reinventando suas sagas, metamorfoseando seus projetos contingentes, buscando instalar travessias mais altruístas, eivadas das intensidades e da cromaticidade, da fineza e magnitude da dignidade e da boniteza humanas. “O amor nos faz ultrapassar-nos, ele nos leva sempre além de nós mesmos”. (PHILIPPE, 1998, p. 194) São esses ultrapassamentos que nos projetam nos confins da utopia insuflados pelos feixes de nosso esperar.

Furtado (2008, p. 109) proclama: “O amor é portador de um mistério abissal. E precisa ser assim para existir”. Como mistério abissal, como feixe de enigmas e de paradoxos incommensuráveis, o Amor nos abisma, nos precipita nos devãos da complexidade de nosso existir e co-existir; nos horizontes abertos de nosso destinar movediço. Com sua potência magmática faz vicejar e desbordar alumbramento.

Ecoamor: o cuidado com a coexistência entre os seres

O amor é uma centelha divina.

Cântico dos Cânticos

O que você faz por amor, está sempre além do bem e do mal.

Nietzsche

Ama e faze o que quiseres.

Santo Agostinho

*El Amor es la más universal, la más formidable
y la más misteriosa de las energias cósmicas.*

Teilhard de Chardin

O horizonte do *Ecoamor* implica no processo de interligação estruturante entre os estados do Amor como *Porneia*, *Eros*, *Philia* e *Ágape*, na sedimentação do que considero um Amor-síntese, que envolve essas suas diversas modalidades, se constituindo na possibilidade do Amor uni/pluriversal que se resvala na *ecofraternização*.

O vocábulo *Ecoamor* se engendra diretamente do termo *Ecologia* compreendendo esta como a

[...] relação, *inter-ação* e diálogo de todas as coisas existentes (viventes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial [...] tudo o que existe coexiste [...] Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos. (BOFF, 2008, p. 21, grifo do autor)

Portanto, compreendo o *Ecoamor* como um Amor que se plasma no estofado do dinamismo e da plasticidade que perfaz a complexidade da teia que entrecruza e move as relações entre os seres humanos e destes com todos os outros seres que coabitam a nossa casa comum: o Planeta Terra; como um Amor *inter-seres*.

Assim, o *Ecoamor* implica no cuidado com o sentimento e a consciência de pertencimento, de copertencimento de todos nós à mesma raça humana e ao Ecossistema constituído

com sua infinidade de seres vivos e não vivos, com os quais estamos todos, de modo tangível e intangível, coimplicados no vigor do entrelaçamento dessa teia.

A imagem do Ecoamor se projeta na textura entrecruzada do entramado dessa teia da coexistência humana e eco-humana, no espectro desse ecossistema, considerando o princípio de que somos todos, complementares e interdependentes, em modalidades de qualidades diversificadas. Brandão (2005, p. 21, grifos do autor) proclama:

[...] o que é vivo e existe como um elo da Teia da Vida existe apenas *nas, entre as e através das* relações de troca que a cada momento estabelecem, transformam e recriam tudo o que envolve a realidade da vida *com e nos* círculos da Vida e da Existência.

O Ecoamor supõe o cuidado esmerado com os círculos e com os ciclos da teia da vida, com as relações de acolhimento, de cordialidade, de trocas e de compartilhamento entre todos os seres existentes.

Desse modo, não apenas precisamos afirmar e propagar as ideias humanistas – em sua conotação crítica e sensível – que proclamam a relevância e o primor do existir, da vida dos humanos, mas, sobretudo, afirmar e propagar a ideia de que não somos o centro do universo, como é difundido pela visão antropocêntrica, e sim que somos todos, em múltiplas proporções e dimensões, dependentes e interdependentes dos

outros seres vivos – e não vivos – que habitam essa casa comum. Nessa perspectiva, urge a afirmação de uma cosmovisão *ecocêntrica*, em que não há um centro exclusivo, e em que cada vivente que faz parte desse ecossistema é considerado como relevante e precioso, na peculiaridade de sua presença neste. Dessa forma, cada um destes viventes contribui com os processos de afirmação, de vigoramento e de mutação da rede da coexistência, do copertencimento.

A ideia-força do Ecoamor implica no cuidado com a complexidade desafiadora do *eco-humanismo*, da *ecofraternização* como perspectivas que consideram que não precisamos ser fraternos apenas com os seres humanos, mas, também, com todos os seres que perfazem esse ecossistema com os quais, como vimos, coexistimos e compartilhamos nossa estada, nossa saga nesse planeta. Assim, carece de que tenhamos atitudes zelosas, cordiais e solidárias com os diversos seres da natureza como árvores, pássaros, rios, mares, animais, entre outros, na proporção em que constituímos todos, de forma direta ou indireta, visível ou invisível, o dinamismo e o fulgor dessa teia de micro-macro relações. Maturana e Verden-Zoller (2004, p. 134) pontuam que “O amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humanos ou não”. Desse modo, o Ecoamor insufla as relações de compartilhamentos mútuos inter-seres.

Nessa perspectiva de compreensão, na proporção em que cuidamos com afincos e ternura, com coragem e paixão, com espiritualidade e despojamento das aprendizagens da *ecoamorosidade* em nossos existires, conjuntamente com os coexistires, podemos descortinar nosso senso de copertencimento planetário em que constelamos e sinergizamos juntos a luminosidade e a penumbra de nossa condição de humanos, de inter-humanos, de eco-humanos. Desse modo, podemos nos inspirar e proclamar com intensidade, em nossa condição de eternos aprendentes e coaprendentes a sabedoria da máxima: *Amo, logo existo!* Melhor: *Amo, logo coexisto!* “O amor consiste na abertura de um espaço de existência para um outro em coexistência conosco”. (MATURANA, 1997, p. 184) Na proporção em que cuidamos da coexistência com os outros seres também aprimoramos e vivificamos nosso existir singular e tecemos com mais altruísmo as relações de coimplicação.

Baumann (2004, p. 101, grifos do autor) assevera que

Amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a *singularidade de cada um* – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável.

A intensificação do Ecoamor, dos desafios do amar a todos os viventes, torna nosso mundo mais aprazível e hospitaleiro, mais fascinante e digno, e, assim, podemos descortinar os fluxos dos compartilhamentos que ecofraternizam.

O Ecoamor projeta a aragem de um estado expansivo e fino de Amor anímico em que nossas almas se afinam, mediante os tons/entretons de cada singularidade e de cada diferença, na fruição dos valores primordiais que animam e dão Sentido ao co-existir.

Este amor anímico, como mostrou o velho Fromm, é um amor medial de implicação de signo fraterno, o qual se localiza precisamente entre o amor incondicional materno e o amor condicional paterno. [...] O amor anímico seria, em consequência, o paradigma do amor verdadeiro no sentido de Nietzsche, quando afirma do verdadeiro amor ser a alma que envolve o corpo. Um tal amor é essencialmente existencial ou co-sentimental, simbolizado pelo coração de novo situado/sitiado entre o espírito racional e o corpo sensacional. (ORTIZ-OSÉS, 2003, p. 156)

Um Amor visceral que envolve a in-completude da inteireza de nosso ser co-implicando o anímico, o espírito de fineza, e o pregnante, o corpo senciente, e nos dispõe ao destinar do ser-com, do existir com os outros seres do mundo de modo ecofraterno; nos envolve com o *ordo amoris* no sentido de “uma ‘religação’ assentada no elo (*religare*) [...] gerando a confiança (‘religação’)”. (MAFFESOLI, 2014, p. 115) Religação entre todos os seres que plasmam a textura viva do mundo no intercurso de nossas diferenças e semelhanças, no confiar de nossas interdependências.

Bohm ([19--], p. 234) fala de uma “ordem implicada [em que] pode-se dizer que tudo está envolvido ou dobrado dentro de tudo”, em que, de modo estruturante, os fenômenos e seres estão, em planos mais tangíveis ou intangíveis, implicados uns com os outros na rede do uni/pluriverso. Mediante o dinamismo do “holomovimento” (BOHM, [19--], p. 249) nos dispomos no mundo de forma implicada na cadência da rede interdependente da coexistência.

Lévinas (1997, p. 141) declara que “O inter-humano propriamente dito está numa não indiferença de uns para com outros, numa responsabilidade de uns para com os outros”. O Ecoamor se traduz nesse cuidado com o inter-humano na medida em que nos responsabilizamos uns com os outros, mediante o exercício da generosidade e do cuidado com. E Lévinas (1997, p. 148) arremata: “Todos os homens são responsáveis uns pelos outros” como seres que, em dimensões das mais diversificadas, carecemos uns dos outros para existirmos e coexistirmos humana e eco-humanamente de forma digna. Dalai Lama (2000, p. 178) fala da “responsabilidade universal [...] [em que] nos tornamos sensíveis a todos os seres”. E arremata: “A noção de responsabilidade pelos outros também significa que, como indivíduos, e como uma sociedade de indivíduos, temos o dever de zelar por cada membro de nossa sociedade”. (DALAI LAMA, 2000, p. 184-185) Esse senso de co-responsabilidade, de cuidado inter-humano se traduz na ideia de *ecocidadania*, ou seja, de uma cidadania que vai além

da postura burguesa, solitária e individualista de direitos, e que concebe os direitos sociais de forma solidária incluindo, necessariamente, a todos. Nesse rumo, um Ecoamor que prima pelo reconhecimento da dignidade e da alteridade de cada ser, pelo respeito à singularidade de cada outro e que, assim, nos coresponsabiliza inter-humanamente através das intensidades das experiências mediatizadas pelo olhar despojado para com este outro.

“O amor é a manifestação mais concreta da sociabilidade do homem, a expressão desta necessidade básica, fundamental, que temos uns dos outros”. (GURMÉNDEZ, 1985, p. 67-68) Essa necessidade básica que temos uns dos outros é constitutiva de nossa condição de seres humanos como seres também mamíferos e orgânicos, marcados de força e fragilidade, de imanência e transcendência. Sem a presença do cuidado, do acolhimento e do compartilhamento com os outros, humanos e não humanos, fenecemos humanamente.

Chardin ([19--], p. 298), fala sobre:

[...] esse instinto irresistível que nos impele para a Unidade cada vez que, numa direção qualquer, nossa paixão se exalta [...] O amor, sob todos os seus matizes, não é nada mais, nada menos, que o sinal mais ou menos direto marcado no âmago do elemento pela Convergência psíquica do Universo sobre si mesmo.

O Ecoamor se traduz na possibilidade de um Amor universal, como expressão do uno e do diverso – do pluriverso

–, como busca paradoxal dessa Unidade, dessa unicidade que, como vimos, mediante as diferenças de nossas singularidades, nos interliga com os semelhantes e pertencentes à raça humana, bem como, com todos os seres copertencentes ao ecossistema. Unicidade que, através dos desafios das ambiguidades e contradições que nos constituem nos aponta para compassos de trocas, de compartilhamentos, de sinergias, de interligações profícuas.

Chardin ([19--], p. 314, grifo do autor) realça que “*Amar é co-ser (ser com) e co-existir*”. A vivência do Amor mais vasto e fundo, do Ecomor, implica, necessariamente, em plasmarmos, cuidadosamente, processos intensos e fundos que incidem nos desafios e interpelações do ser-sendo-com, nos feixes da coexistência com os outros, humanos e não humanos. Essa experiência de busca da comunhão, da convivência fraterna com os outros se processa através do suceder das ações contingentes, dos fluxos abertos e tensivos do viver cotidiano, no arco da heterogeneidade dos repertórios culturais, muito além da compressão dos padrões monológicos instituídos com seus modos uniformizantes. Furtado (2008, p. 113) anuncia que “Em sua eterna inquietude o amor é essa singular forma de comunhão com o outro jamais redutível aos modelos”. Como já realçado, as inquietudes do Amor não se confinam às fôrmas unidimensionais dos modelos instituídos. Como a polifonia e a policromia da imagem de um fractal, ele se processa nas aberturas das formas ondeadas e

moventes dos fluxos do existir; é sempre volvente, transgressivo, instituinte.

O existir fraterno e compartilhado com os outros, o co-existir, se torna possível mediante a fruição da seiva do sentimento, da energia do amoroso que nos sinergiza e une, irradia e faz celebrar, como humanos, como inter-humanos, como *eco-humanos*, nossa presença viva e vivificadora no planeta Terra. Existir é, portanto, co-existir na perspectiva de nos projetarmos no mundo na busca do advento de nosso ser através das vivências que impulsionam a teia do estar sendo com os outros.

Arendt (1997), inspirada em Santo Agostinho, fala do *Amor mundi* como possibilidade de convivência com os outros, com os seres do mundo, com o mundo, por meio das ações contextualizadas nas proezas da vida cotidiana. Esse *amor mundi* pode se configurar no estabelecimento de elos que interligam as pessoas na rede das relações sociais e ecológicas, mediante os desafios dos laços de coexistência; nos entrelaces da amizade como força vital que impulsiona as relações inter-humanas e inter-seres, proporcionando vínculos de ecofraternização no suceder de nossas con-vivências na carne do mundo.

O Ecoamor se territorializa nas searas da Ecosofia (PANNIKAR, 1994; GUATTARI, 1990) como horizonte de cuidado com a sabedoria do copertencimento planetário em que vislumbramos o caminho do Eco-humanismo. Ecosofia como perspectiva de afirmação e de interligação das sabedo-

rias que constituem as cosmovisões das diversas tradições culturais da humanidade no que se refere ao cuidado com os valores humanizantes e eco-humanizantes; como sabedoria que agrega todos os seres numa sinfonia cósmica, movida pela *harmonia conflitual* e marcada pela polifonia de nossas diversidades; que realça a *unitas multiplex*, a busca da unidade na multiplicidade de nossos modos de ser no mundo com.

O Ecoamor também se lastreia numa Ética da solidariedade, em que aprendemos a compartilhar uns com os outros os valores da dignidade humana; numa Ecoética, numa Ética planetária (MORIN, 2005) como Ética da coexistência, em que cuidamos com desvelo da teia coimplicada nas relações ecossistêmicas. Dalai Lama (2000, p. 243) fala da “Ética da compaixão” em que cultivamos o sentimento compassivo de cuidado com todos os seres. Essa Ecoética não se sustenta apenas no âmbito da racionalidade humana, do pensamento meditativo, carece da presença ingente da sensibilidade, do sentimento de compreensão e de copertencimento dialógico e afetivo, da vivência pregnante e anímica no suceder do cotidiano, de um *ethos* vasto e fundo que amálgama ideias, valores, crenças e sentimentos.

Destarte, o Ecoamor se projeta, metafórica e vivencialmente, mediante as rodas de celebrações coletivas em que nos encontramos, através do laço do abraço que nos abre de corpo/coração e alma/espírito para compartilharmos os Sentidos do co-existir através dos mutirões, dos diversos ritos co-

letivos em que vibramos juntos na sinergia dos entrelaçamentos eco-humanizantes. Assim, podemos nos enredar numa *pedagogia do ajuntamento* compartilhante em que os tons de nossas diferenças, intensivamente, mediante os flancos de uma encruzilhada intercultural, se entrecruzam e estampam a cromaticidade do coexistir, afirmando e nutrindo nossa “pulsão gregária”. (MAFFESOLI, 2014, p. 15) Chardin ([19--], p. 298) afirma que “Só o amor, pela simples razão de que só ele prende e junta os seres pelo mais fundo deles mesmos, é capaz – e esse é um fato de experiência quotidiana – de completar os seres, enquanto seres, reunindo-os”. Essa força irradiante do Amor, do Ecoamor, potencializa, portanto, a sinergia, a agregação dos seres viventes, que, talvez, não se completem, mas se complementem no espectro de nossas imperfectudes.

O Ecoamor lastreia-se na *coincidentia oppositorum* dos latinos, na inclusão dos contrários (ORTIZ-OSÉS, 2003), em que as polaridades consideradas opostas de nossa cultura, de nosso existir, são concebidas como instâncias diversificadas que, dinamicamente, de modo tangível ou intangível, podem se complementar e se enriquecer mutuamente. Ou seja, como já acenei, a esfera das lógicas da inclusividade, do contraditório (WUNENBUERGER, 1990), do terceiro incluído (NICOLESCU, 1999) interligam paixão e razão, dentro e fora, masculino e feminino, luz e sombra, um e outro, como potências moventes que, na complexidade da inteireza do existir humano, se coimplicam e se comovem dando ritmo, entrelaçamento e inten-

sidade à vida. “A lógica do amor nos leva aos poucos para outros horizontes, outras atitudes, para lógicas de compreensão mais abertas e, por aí, mais coletivas”. (FERRY, 2012, p. 109) Essas lógicas compreensivas ultrapassam as meras lógicas do entendimento, da razão analítica, implicando numa razão meditativa, compreensiva; numa Razão-Sentido (ORTIZ-OSÉS, 2003) que penetra na nervura do vivido, nas esferas anímicas do existir, do coexistir.

A potência da presença magnífica do sentimento e da consciência ecoamorosa – do Ecoamor –, no cotidiano de nossas vidas, com sua energia magnética, com seu elã vital, com seu fulcro magmático e com sua sinergia agregante, nos convoca aos desafios que levam a celebrarmos juntos os Sentidos do coexistir; nos interliga nas in-tensidades da busca da *fraternura*, da *ecofraternura*, da fraternidade cósmica com os outros seres humanos e não humanos; se desdobra na expressão fina da sensibilidade, na expressão da contenteza que faz alumbrar alma e coração; nos projeta da busca seminal do espírito de fineza do horizonte da dignidade e da boniteza. O fulcro dessa energia magnética que constela o *pathos* da ecoamorosidade se processa como força intangível, como pulsão vital que nos move, co-move, que *entremove* e faz vicejar a vida, as vidas; que nos interpela, movimenta e compele cotidianamente nos interfluxos e na cromaticidade da roda, da mandala dessa coexistência inter-humana e eco-humana.

O amor em *traversias*

(tradução do texto em versos de cordel)

O Amor traduz implicação
entre a força e a fragilidade
se alterna entre dor e prazer
entre o garbo e a humildade
é como uma ponte que interliga
a unidade com a multiplicidade.

O Amor é uma flor de aurora
que faz a gente alvorecer
é como raio de sol ardente
que acende o facho do viver
é a mansidão da lua cheia
que afaga todo nosso ser.

O Amor se indigna com injustiça
não tolera o abuso e a opressão
se arrepia com a indiferença
se rebela contra a submissão
com sua força transgressiva
é menestral da emancipação.

O Amor é um menino maroto
com suas travessuras saltitantes
que rola em suas estripulias
e vive intensamente o instante
é um cupido alado e fagueiro
uma metamorfose ambulante.

O Amor não rima com apego
que tanto sufoca e escraviza
não se afina com o egoísmo
que amesquinha e paralisa
está bem longe da competição
que embrutece e barbariza.

Carece muito de ter coragem
como também muita paixão
pois, a frouxidão e a apatia
não combinam com Amor não
ele é um desafio permanente
é travessia de peregrinação.

O Amor é barulho de ventania
e também silêncio crepuscular
é como estampa viva de fuxico
qual cantiga doce de sabiá
como a majestade do arco-íris
é ternura de cantiga de ninar.

Amar o mais parecido é fácil
difícil é amar o mais diferente
é o desafio do amor mais vasto
abrir os braços a toda gente
somos a mesma raça humana
mesmo coração que pulsa e sente.

Não basta falar de Amor
é muito fácil fazer sermão
há muita pregação sebosa
sem o vigor do pé no chão
o amor só tem mesmo sentido
na concretude de uma ação.

É aprendizado pra vida toda
requer audácia e despojamento
não existe receita nem lei
se inventa a cada momento
carece de renovação constante
nos fluxos de seu movimento.

As centelhas do amoroso
nos estrelam na constelação
encanteiam nossos compassos
resplandecem nosso pendão
com seu estandarte alumioso
tocamos a vida em celebração.

O Amor é um ser andarilho
como um nômade *itinerrante*
pelos desertos e florestas
nas proezas de cada instante
é a tempestade e a bonança
saga de aventura constante.

É a não violência de Gandhi
chama da fogueira de São João
de Buda é a impermanência
também é o Eros de Platão
a generosidade de Madre Teresa
de Cristo é a fraternização.

Entre quietude e desasossego
o Amor é uma encruzilhada
que entrecruza tristeza e alegria
também água doce e salgada
conjuga masculino e feminino
interpenetrando o tudo e o nada.

O Amor flui na gratuidade
não tem preço: coisa de *inutiliza*
está na graça de um gesto nobre
floresce no toque de delicadeza
no cuidar do sagrado da vida
na ação bordada com fineza.

O Amor não se cabe em palavras
elas só balbuciam sua intensidade
seus sentidos fundos são indizíveis
estão para além da normalidade
pois as coisas grandes do coração
desbordam cálculos e formalidade.

O advento do sentimento amoroso
se descortina em ritos de iniciação
em que aprendemos a cuidar
dos afãs e mistérios do coração
nos renovando a cada passo
nos processos de transformação.

Com seu sentido coletivo
o Amor sempre nasce da relação
de cada um consigo mesmo
e por meio da interconexão
com a presença de cada outro
laços de *fraternura*, de compaixão.

O magnetismo do Amor
opera alquimia, transmutação
os feixes de seus enigmas
irradiam a alma e o coração
como constelação de arco-íris
estampam beleza e encantação.

O Amor é o pasmo de uma criança
seu espanto inocente e formoso
desborda os cachos da primavera
viceja o coração todo gracioso
seu riso tão doce que nem mel
se derrama em festa, vadio e ditoso.

Os horizontes do Ecoamor
urdem os laços da interligação
entre todos os seres viventes
na sinergia da roda da religação
em que somos interdependentes
nos desafios da ecofraternização.

Referências

- A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ARENDDT, H. *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*: poética. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores, vol. 2).
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BAUMAN, Z. *O amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERGSON, H. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).
- BOFF, L. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, C. R. *A canção das setes cores: educando para a paz*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DALAI LAMA, XIV. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- CAMPBELL, J. *Para viver os mitos*. São Paulo: Cultrix, [19--].
- CASTRO, M. A. de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- CHARDIN, T. de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, [19--].
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- EISLER, R. *O poder da parceria*. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- FERRY, L. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- FREIRE, R. *Ame e dê vexame*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- FROMM, E. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.
- FURTADO, J. L. *Amor*. São Paulo: Globo, 2008.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUEDES, Beto. *Performance*. [S.l.]: EMI-Odeon Brasil. 1987. 1 CD (42 min 34 s).
- GURMÉNDEZ, C. *Estudios sobre el amor*. Barcelona: Anthropos, 1985.

- GURMÉNDEZ, C. *Teoría de los sentimientos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HESSE, H. *Para ler e pensar*. Rio de Janeiro: Record, [19--].
- HILLMAN, J. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas, SP: Verus, 2010.
- ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, [19--].
- JOHNSON, R. A. *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo: Mercury, 1987.
- KOVADLOFF, S. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- KRISHNAMURTI, J. *Diálogos sobre a vida*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- LÁZARO, A. *Amor do mito ao mercado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LEGIÃO URBANA. *As quatro estações*. Guarulhos: EMI, 1995. 1 CD (46 min 27 s).
- LELOUP, J. Y. *Amar... apesar de tudo*. Campinas, SP: Verus, 2002b.
- LELOUP, J. Y. *Uma arte de amar para os nossos tempos: o cântico dos cânticos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.
- LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOBATO, J. P. *Antropologia do amor: do Oriente ao Ocidente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MAFFESOLI, M. *Homo eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARIMÓN, M. M.; VILARRASA, G. S. *Como construímos universos: amor, cooperação e conflito*. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

MARKERT, C. *Yin-yang: polaridade e harmonia em nossa vida*. São Paulo: Cultrix, [19--].

MARTINELLI, M. *Aulas em transformação: o programa de educação em valores humanos*. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MAY, R. *Eros e repressão: amor e vontade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

MORAIS, R. de. *Um caso de amor com a vida*. Campinas, SP: Verus, 2003.

MORIN, E. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade; a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NASCIMENTO, Milton. *Crooner*. Manaus: WM Brazil, 1999. 1 CD (58 min 54 s).

NEEDLEMAN, J. *Sobre o amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

- NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. São Paulo: Max Limonad, 1985.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Estudios sobre el amor*. Madrid: Revista de Occidente, 1959.
- ORTIZ-OSÉS, A. *Amor y sentido: una hermenéutica simbólica*. Barcelona: Anthropos, 2003.
- OSHO. *Vida amor riso*. São Paulo: Gente, 1991.
- PANNIKAR, R. *Ecosofia: para una espiritualidad de la tierra*. Madrid: San Pablo, 1994.
- PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PELIZZOLI, M. L. *Homo ecologicus: ética, educação ambiental e práticas vitais*. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.
- PESSOA, F. *Ficções de interlúdio/1: poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PESSOA, F. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PHILIPPE, M. D. *O Amor na visão filosófica, teológica e mística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PLATÃO. *Diálogos: o banquete; fédon; sofista; político*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores, v. 3).
- PRADO, A. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. 49. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

- ROUSSELE, A. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SCHELER, M. *Ordo amoris*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2012. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20120726-scheler_ordo_amoris.pdf>. Acesso em: 26 out. 2014.
- SCHEURMANN, E. *O papalagi*. São Paulo: Marco Zero, [19--].
- SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SWIMME, B. *O universo é um dragão verde*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- VREELAND, N. (Org.) *Um coração aberto: praticando a compaixão na vida cotidiana - sua santidade, o Dalai lama*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WEILL, P. *Amar e ser amado: a comunicação no amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- WUNENBURGER, J. J. *A razão contraditória: ciências e filosofias modernas; o pensamento do complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

COLOFÃO

Formato	15x 21 cm
Tipografia	Documenta
Papel	Alcalino 75 g/m ² e Cartão Supremo 300 g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Capa e Acabamento	Cartograf
Tiragem	400 exemplares

A complexidade do Amor nos desafia pelos desvãos do incomensurável, do paradoxo, da terceira margem. O Amor se traduz como fulcro estruturante das intensidades da condição humana, do existir e co-existir humanos, que plasma Sentidos existenciais e coexistenciais; como núcleo seminal que constela a energia vital, a sinergia que nos entrelaça; como força irradiante, motriz e nutriz, que faz vicejar os fluxos da vida; como cuidado com o espírito de fineza, com os valores humanos primordiais: solidariedade, equidade, compaixão... a dignidade e a boniteza.

O *Ecoamor* pode ser compreendido como expressão vasta de busca de sabedoria em que nos dis-pomos para a vivência, a fruição do Amor como amálgama interligante entre todos os seres vivos do ecossistema. Um Amor que potencializa a coexistência e o copertencimento inter-humano, inter-ser, ecohumano, ecofraternizante; que aponta para uma suposta Fraternidade cósmica.

ISBN 978-85-232-1505-7



9 788523 215057